



Almonast Souza gr

Almonast Souza gr

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Do Capitolio á rocha Tarpeia não dista mais que um passo: disse um grande poeta da tribuna. Tem-n'o repetido mil vezes a multidão, como a expressão concisa das rapidas vicissitudes da gloria e da ignominia.

Do sublime ao ridiculo não dista mais que um passo. Disse-o um poeta nos campos de batalha, e tem-n'o repetido mil vezes as multidões, cifrando na gravidade d'este conceito a antithese das maiores grandezas e das maiores degradações.

Ambos aquelles aphorismos se enlaçam para definir a poesia. A poesia é a grandeza e o nada; o universo e o atomo; a gloria e a humilhação; o triumpho e o martyrio; o genio e a loucura.

Singular manifestação da intelligencia é a poesia, que tão contrarios são sobre ella os juizos da humanidade. Platão corôa-a de myrthos, e fecha-lhe no rosto as portas da sua cidade. A Roma christã muitos seculos depois decreta-lhe o solio e a purpura nos triumphos do Tasso. Escrava e perseguida hoje; amanhã senhora e venerada. Hoje desdenhada por vã; amanhã reverenciada por varonil. Hoje desterrada para entre os rusticos, com a flauta pastoral de Theocryto; amanhã, posta á frente dos exercitos, e das povoações entusiastas com a tuba guerreira, de Tyrtéo ou com a lyra jovial de Béranger.

O que é a poesia?

Para os antigos é um deus que vibra no intimo d'alma as cordas do estro juvenil. *Est Deus in nobis, agitante calescimus illo.*

Para os modernos é uma lucta em que o espirito, rompendo as cadéas da humanidade, esvoaça para o infinito.

A poesia é o protesto eloquente do sentimento, que afirma a immortalidade, contra a sensação, que celebra a apothese da carne.

Nenhum poeta póde ser materialista nem atheo. Lucrecio cré, poeta, quando philosopho, duvida. Anacreonte é espiritualista nos proprios delirios de Lyéo.

O poeta é o Titão mythologico, que sobrepoem as montanhas ás montanhas para chegar até Deus.

Só ha duas sublimes manifestações da intelligencia humana. Por ellas o intendmento é genio, e o genio parece volver á divindade. São a poesia, e o calculo. Só o geometra e o poeta comprehendem verdadeiramente a Deus, porque o imitam. O geometra mede o universo, o poeta canta-o. Ambos o refazem pela harmonia e pelo numero. O poeta adevinhâ-o, o geometra demonstra-o. O geometra acha o espaço e as suas fórmãs. O poeta entorna-lhe na amplidão torrentes de luz e ondas de perfumes. E como se confundem nas suas fronteiras estas duas poderosas faculdades, que parecem ao vulgo intractaveis e hostís; a phantasia e a abstracção! Como se enleiam e fraternizam! Como folgam no mesmo campo, como se extasiam em iguaes contemplações, como vão tantas vezes, irmãs e socias, roubar a Jupiter o fogo de Prometheu! O céo é para ambas um enlevo; a terra para ambas um thesouro; o mar para ambas um espectáculo. O infinito e a harmonia são-lhes meditação commum. Sobre o poema de Milton irradiá, deslumbrante de esplendores, a imagem sublime do Creador. No fim do livro de Newton apparece Deus, conclusão sublime d'este admiravel syllogismo, que se chama o universo.

Poeta e geometra, irmãos no destino, enfeixa-os ás vezes a plebe materialista na mesma excumunhão, e humilha-os a turba, que tumultúa no fóro e no mercado, com os mesmos apodos e saines. Véda-lhes as magistraturas e os officios da republica, e julgando desacatal-os, estreita-lhes os caminhos da terra e do presente a elles, que tem patentes e esperançosos os caminhos da immensidade e da gloria. É um poeta! É um geometra! são duas sentenças que significam a incapacidade para os negocios prosaicos da vida material.

Uma vez o grande conquistador moderno quiz honrar, como cos-

tumava, o genio dos sabios, não chamando-os apenas aos logares honorificos e rendosos do imperio, senão ao maior e mais trabalhoso officio do estado. Appeteceu-lhe vêr como executaria as leis caducas em tres palmos de terra o que dictava por esse tempo as leis eternas á immensidade dos espaços. Chamou Laplace e fêl-o secretario d'estado. Ao cabo de poucos mezes acharam-lhe na pasta dos negocios, em vez de expediente, os manuscriptos da theoria da lua. Motejaram os praguentos da distracção do sabio. Mais de um obscuro scriba riria a bom rir da negligencia do ministro, e altearia os hombros para se medir com o geometra francez e a si proprio decretar-se primazias de entendimento. Napoleão commentou a anecdotia com os seus marechacs. Mas se o imperador escreveu com a espada alguns capitulos de uma historia, que d'aqui a alguns mil annos será apenas uma letra na inscripção dos seculos, Laplace escreveu no céo um livro, que terá para sempre o mesmo valór; se Napoleão cingio a fronte de uma luz, agora esplendida, e que será no futuro um crepusculo indeciso, Laplace circundou o seu laurel de uma luz, que terá sempre a novidade de uma aurora.

Chateaubriand passou rapido pelo poder, como entre dois oasis floridos se atravessa correndo o Sahara. Luzio e apagou-se depressa. As turbas disseram maliciosamente. É um poeta! mas o seu tumulo, affagado pelas aguas do Oceano nas costas da velha Armorica, será para os vindouros uma romagem, emquanto ninguem saberá onde repousam as cinzas, já hoje quasi esquecidas, de Villèle.

Trazem os poetas comsigo este condão, quando nascem. Custalhes a caminhar na terra, mas é-lhes facil o caminho para a verdadeira gloria. Tardios na fortuna agora, velozes na reputação para a posteridade. Vêdes aquelle velho veneravel, tunica em desalinho, rôtas as sandalias, bôrdão de peregrino na mão? Pasmam-lhe em redor as mulheres, que o escutam, esquecem os seus mesteres os homens que o rodeiam. Canta, inspira-se Do espirito d'elle aos espiritos que o cercam formam o genio e o enthusiasmo uma cadeia de sensações communs. É Homero, que solta um hymno a Jupiter, ou declama, com a accentuação heroica, a temerosa batalha de Achilles e de Heitor.

Agamemnon é um nome, Nestor um mytho, mas Homero é uma gloria. Tanto foi o poder de uma lyra vibrada pelas mãos de um mendigo inspiradissimo.

Quantos reis encheram a terra com a fama dos seus triumphos, emquanto Homero votava a estranhos lares as offerendas, que não podia sagrar aos seus? Quantos dominadores arrogantes as-

sombraram com a sua chlamyde a extensão de imperios collosaes, emquanto o vate hellenico não podia medir com a sua sombra um só palmo de terra, que fosse d'elle? Elles grandes, poderosos, senhores, reverenciados e temidos. Elle pequeno, desvallido, hospede, e recebido por esmola na humildade das choupanas. Elles encastellando pyramides sobre pyramides, com alicerces de ossadas, para salvarem o nome do diluvio inexoravel dos tempos. Elle, descuidoso, assentado á beira dos regatos obscuros, luzindo a magestade da sua miseria ao sol esplendido da Achaia, pagando com trovas o pão da hospitalidade popular, e cunhando em medalhas indestructiveis o seu busto para a immortalidade.

Os grandes morrem duas vezes, uma para o mundo, a outra para a memoria. Elle, morrendo; ergueu-se, estatua immortal da sua propria gloria, sobre o pedestal dos seus canticos divinos.

Perguntae a esses grandes homens de um dia, a esses, a quem a fortuna dá em applausos ephemeros a parodia sarcastica da gloria, perguntae-lhes se quereriam ser poetas e trocar pela lyra sem adornos as insignias da suprema potestade? Até da pergunta haveriam de sorrir. Perguntae-o a esses, que se crêem Cesares, porque a fortuna lhes ageitou nos hombros a veste imperatoria. Perguntae-o a esses, que na tribuna alcançaram os loiros faceis e communs de uma eloquencia, que após si não deixa rastro. Perguntae-o a esses, a quem vulgares talentos alcançam n'um dia as eminencias do poder. Perguntae-o áquelles, a quem a complacencia docil dos amigos e a instabilidade dos sectarios decretam n'um dia triumphos e no outro execrações. Se elles se trocariam por um poeta! Se elles não julgam vinculada a si com mais seguros grilhões a memoria dos posteros! Se elles trocariam uma oração das suas por um poema inteiro!

A humanidade é leviana, mas é justa. Os seus erros ella mesma os corrige e os expia! Decretam os homens em vida os maiores triumphos aos que menos os merecem. As gerações, que succedem revogam porém, sem piedade as sentenças dos contemporaneos. Na Grecia e em Roma mais corôas e mais acclamações tinha um athleta dos jogos olympicos ou um gladiador do circo, do que um poeta admiravel. Hoje o enthusiasmo é no theatro para os cantores de uma noite, no senado para os oradores de um dia, no *fórum* para dictadores de um mez. A gloria será amanhã para os poetas, para os artistas, para os sabios, para os grandes bemfeitores da humanidade. Aos que enlevam ou seduzem um momento, demos-lhe o enthusiasmo, que é a douradura falsa da gloria, demos-lhe as palmas e os applausos, que são a immortalidade fingida, demos-lhe a apotheose dos jornaes, que é a divin-

dade de um dia. Os grandes poetas cantem, esperem e morram. Deixem passar junto de si, nos seus carros triumphaes as mediocridades brilhantes, as cantoras que envelhecem, os tenores que definham, os oradores, que empallidecem, os estadistas, que vão perder-se no occaso. Deixem passar a procissão solemne das reputações da praça publica, deixem luzir ao sol as venezas e as gram-cruzes, as purpuras e os loiros. É o grande prestito, é o lugubre epigramma, em que o pincel de Holbein escreveu o epitaphio das glorias feitiças. É a dança da morte, que desfila. Amanhã os imperadores serão um tumulo, os ministros um écco, os poderosos um nada. E a gloria virá tomar pela mão o verdadeiro genio, chamal-o do seu cantinho na lareira humilde, enxugar-lhe as lagrimas, coroar-lhe a fronte, pronunciar-lhe festiva o *io triumphé* da verdadeira immortalidade.

Por isso os grandes poetas não podem ter biographia. Viver para elles é sentir e cantar. A narrativa da sua vida terá apenas dois capitulos: a poesia e o amor. Viver, para outros homens são as facções, em que se mesclaram, as discordias, em que foram parte, os exilios, que padeceram, as magistraturas que geriram, as victorias que alcançaram. A historia de um poeta são tres palavras — nasceu, cantou, morreu. Da vida do Dante quem sabe os odios, que lhe volaram, os desterros, que o levaram longe da patria, os officios, que lhe incumbiram? Quem cura hoje de saber em qual das parcialidades Guelpha ou Ghibelina, se inscreveu o sombrio cantor do inferno? Quem sabe que elle assistiu á batalha de Campaldino? Quem sabe que foi embaixador junto do papa? A sua vida inteira é o seu poema. E basta elle só para a sua gloria.

Quem foi Virgilio para a vida publica? Um ocioso. Elle mesmo o diz, na transparente allusão á munificencia de Augusto.

Deus nobis hæc otia fecit.

Quem foi Homero? Um peregrino inspirado, que talvez nunca assistio como cidadão ás assembléas democraticas da sua patria.

Quem é Castilho? Para a posteridade, que o ha de julgar, é primeiro que tudo, mais do que tudo um poeta, um poeta, quando canta, e um poeta quando ensina e se affadiga por diffundir a instrucção entre os humildes.

Antonio Feliciano de Castilho nasceu quasi com o seculo, n'aquelles annos, que entre o cerrar do xviii e o alvorecer do nosso, deram a luz a tantos homens illustres, que nas letras, na sciencia e no governo, vieram a ser os Hugo, os Lamartine, os Guizot da França, em Portugal os Garrett, e os Rodrigo da Fonseca. Cor-

rendo já o seculo presente, nasceu Castilho em Lisboa, na rua de S. Roque, n'uma casa, que fica fronteira á igreja da Misericordia. Foi seu pae o doutor José Feliciano de Castilho, lente de prima da faculdade de medicina, medico da camara de el-rei D. João vi. Foi sua mãe a sr.^a D. Domicilia Maxima de Castilho, senhora que ainda hoje na idade proecta, manifesta a viveza do seu engenho e deixa ver, octogenaria, quaes seriam na idade florente, os dotes do seu espirito. Teve o poeta na sua ascendencia um precursor do seu talento na pessoa de um seu avô do mesmo nome, o chanceller Antonio de Castilho, tambem poeta e chronista das nossas glorias.

Logo ao amanhecer da vida lhe foi adverso o mundo, como se o berço livesse de o avisar das tempestades, que o haviam de saltar no decurso d'ella. Como muitos homens illustres pelo engenho, Castilho luctou na infancia com a debilidade de uma compleição, que parecia incompativel com o trabalho.

Ou a negligencia da ama, que o nutria, ou acaso desculpavel, as letras patrias estiveram a perder um poeta, que as devia para sempre accrescentar com todos os esplendores do seu talento. Uma queda perigosissima fa-lhe custando a vida, aindas nas fachas infantis. Uma fractura do sterno foi a lesão que então lhe poude descobrir a medicina, mas a organização toda padecceu a tal ponto, com o desastre, que até aos cinco annos se julgou quasi milagre o haver triumphado das enfermidades, que o prostravam. Aos cinco annos uma d'estas revoluções organicas, que na ordem physica, como na moral, tornam a eminente destruição em renascença, e a crescente debilidade em inesperado vigor, se começou de operar no poeta ainda infantil. A medicina, que era para o poeta, amiga domestica, accrescentava com o affecto paternal o que a sciencia póde ser de salvadora, cuidou solícita em aproveitar o ensejo para que o pobre menino, que havia de ser um grande homem, recuperasse a já quasi desesperada robustez.

Decidiram os paes leval-o para o campo, nas cercanias de Lisboa, para que a amenidade dos ares operasse a cura, em que a só medicina parecia ser inefficaz.

Eil-o, o nosso poeta a deixar Lisboa, para ir pela primeira vez folgar entre arvoredos, e libar os primeiros gosos, tão predilectos seus, da remansada vida rural.

Havia então no Paço do Lumiar uma quinta, que chamavam do *boticario*, provavelmente porque algum dos herbolarios sabios d'antigos tempos a havia comprado e embellecido com o fructo das suas economias, ou antes regado com as aguas ferteis dos seus preparados magistraes, convertidos em genuinas peças de

oiro. Chamavam-lhe tambem a *quinta do principe*, porque ali residira ou a honrara com os seus passeios, um descendente da casa de Bragança. E por fortuna crescera no vulgo a auctoridade d'este ultimo cognome, porque era o sitio por tal maneira encantador, que merecia bem o desterrarem-lhe da sombra dos seus olmedos e da frescura aprazivel das suas cascatas a prosaica recordação do velho pharmacopóla.

N'aquelle delicioso retirosinho travou o poeta a sua batalha decisiva contra a doença, que o andava ainda diuturnamente experimentando, e ali foram os seus primeiros amores com a natureza, á qual o poeta consagrou desde os primeiros annos a feição mais predilecta dos seus amenissimos cantares.

Era ali Castilho um pequenino Millevoix. Se não fóra a descuidosa e innocente confiança dos cinco annos, como lhe não seria dolorosa a antithese entre o vigor da vegetação, a vida multiforme da natureza, a renovação esplendida da terra, e a lenta desorganisação, em que o espirito, ardente já talvez n'aquelle tempo, requeimava o barro debil, que o não podia subjugar!

Mas o infantil poeta brincava com a natureza, que elle via, que elle adorava, que elle comprehendia pelos sentidos, como haveria depois de a tactear, de adivinhar, de quasi a crear de novo, quando as trevas lhe velassem quasi eternamente os olhos, em uma segunda e mais afflictiva provação.

Era como se a vida fosse para elle tão larga, como eram extensas as campinas, que se desenrolavam, correndo em plainos, colleando em oiteirosinhos, desde a abençoada vivenda do Lumiar. Era a quinta onde vivia um epilgosinho da ridente natureza na formosa estação, que decorria. Circundada de arvoredo, era a casa, d'onde os olhos se podiam espreguiçar á tóa, até os recortes phantasiados, que desenhava a curva do horisonte. Aqui alamedas umbrosas e viridantes. Ali cascatas e lagosinhos, a cuja borda contemplar o crystal das aguas e phantasiar *nayades gentis*. Acolá recessos e penetraes de ramagem enflorada, onde simular colloquios com as *nymphas* mais sociaveis. A aerea phalange de todas as mais poeticas figuras que inventou a *mythologia* pagan podia voltear ali, evocada pela imaginação opulenta do poeta, se, como nós o acreditamos, o genio tem já na infancia a confusa e vaga representação da poesia. Mais ao longe a nora, com este indefinivel canto, que no seu ranger monotono tem o que quer que seja de grave melancholia. Depois as culturas n'aquella quadra do anno, em que ellas são uma festa de Ceres, em que as pavéas, colhidas e amontoadas, são o emblema do consorcio fecundo entre o trabalho e a natureza, entre o homem e a mãe

commum. Acima de tudo isto o céo azul ethereo de Lisboa o sol estivo em Portugal; as duas mais formosas manifestações da vida e da creação.

Este era o theatro, estas as decorações magnificentes, risonhas. O actor uma creança, a quem aquellas pompas podiam ser, no sentido receio dos seus, as nuncias traioeiras de um sepulchro.

Era a quinta, onde o poeta vivia, propriedade de um parente seu, que a habitava. Com uma prima sua, creancinha tambem, dividia a doçura dos seus folguedos. E foi tal a persuasão, a que chegaram os parentes de que o poeta ia sendo consumido por uma phtysica, que á jovial companhia das suas excursões campestres lhe vedavam muitas vezes a sociedade, temerosos de que não viesse tambem a padecer pelo contagio a enfermidade, que no seu doloroso, mas arriscado diagnostico, suppunham irremediavelmente declarada.

Do Paço do Lumiar, podemos dizel-o sem hyperbole, data a primeira luz da poesia para Castilho. É inutil referir que era ali ainda totalmente ignorante das primeiras letras. Nem sabia talvez para que servissem os grossos infolios, que na livraria paterna, lhe faziam muitas vezes nas furtivas incursões ao sacrario da sciencia, o officio de pedestaes, com grave sacrilegio e escandalo de Hippocrates e Boehrave. Se o sabia, era talvez quando a velha Escolastica, sua creada, e como diriamos hoje *bona* privilegiada, assestando doutoralmente uns oculos de classica estructura, rosnando beatamente e adubando de syllabas o latim da ladainha, com a obesa chanternidade de um prebendado, e subjugando a espaços os folhos rebellados da touca matronal, folheava gravemente o devocionario; em quanto o seu pupillo, a um canto da sala de jantar, junto de uma janella, d'onde se descobria a paisagem, comia sobriamente o seu jantarinho, adubado naturalmente de conselhos dieteticos e moraes da boa velha.

No paço do Lumiar foi a primeira Arcadia de Castilho. As primeiras impressões ficam sempre a determinar ás vezes a vocação. Se as protuberancias de Gall e Spurzheim podem justificar o seu influxo no destino do homem, os primeiros espectáculos, que nos affectam, são muitas vezes as premissas da vida inteira. O poeta não sabia que o era, e que os havia no mundo. Mas era-o já sem duvida latente, indeciso. O cahos do entendimento começava a ordenar-se ainda lento e hesitante nas suas evoluções. O *fiat lux* foi aquelle viver do estio, aquelle padecer da enfermidade, aquella tristeza morbida, ás vezes doce, que tinge a alma sem de todo a escurecer, aquelle aparato da natureza esplendente e vivida, aquellas arvores annosas, agitando a coma, aquellas aguas

a murmurar, aquelles cordeirinhos a esconder-se ao pôr do sol por detraz da ultima collina, aquelles moinhos enfileirados nos visos, aquelles bois jungidos, obedecendo á agreste cantilena do lavrador, aquelle fumar das casinhas rusticas, alvejando ao longe ao ultimo crepusculo, por entre os arvoredos da campina.

D'estas primeiras scenas da natureza campesina, d'este espectáculo da vida rural, nascêra a inclinação com que o poeta revellou depois o seu talento, votando-o á musa de Theocrito e de Virgilio.

D'este amenissimo eremeterio do Lumiar ha reminescencias e allusões no *Poema das Flores*, primeira creação, ainda até hoje inedita, com que o poeta auspiciou o seu engenho, e temperou a lyra para tomar depois logar preeminente entre os arcades, que se despediam já, cedendo o campo á irrupção poetica do norte.

O inverno seccava e despia as arvores e intimava o regresso aos conchegos da corte. Eis o nosso poeta em Lisboa já sensivelmente melhorado da sua enfermidade.

Aos cinco annos de idade foi Castilho aprender as primeiras letras. Do jugo suave da senhora Escolastica passou o poeta para a tutella litteraria da senhora Catharina do Rego, que na rua da Barroca presidia a uma escóla de meninas, supprindo pela severidade com que tomava no sentido litteral a sua profissão, o que podesse haver de imperfeito na sua doutrina. D'aqui data o primeiro horror, com que o poeta contemplou na escóla da infancia um calvario de iniquidades. Aqui nasceram as primeiras impressões em que o poeta-philosopho ainda creança previa já talvez, pelo sentimento, o que depois, em beneficio da puericia, chegou a realisar pela meditação.

Mas a escóla da senhora Catharina era o paraíso terreal, se a compararmos com a que depois lhe succedeu na primeira educação de Castilho. A mestra ao menos era mulher, e o pedantismo escolastico ainda ás vezes deixa logar para que um vislumbre de benevolencia e de amor tempere, n'um coração feminil, os rigores do pedagogo. A mulher não esquece os instinctos amovaveis do seu sexo, ainda mesmo quando a lei e o costume lhe poem nas mãos uma férula e a transformam em carnifice de innocentes.

Do governo monarchico da senhora Catharina do Rego, passou Castilho para a dominação friamente despotica de mestre Eusebio, que tinha escóla na rua da Atalaya. Mestre Eusebio era um homem de annos já maduros, que engrandecia a austera magestade do seu officio pela obesidade da sua pessoa, em quanto diminuia a veneração publica pela extravagancia do seu trajar. Sentado no seu pretorio, atapetada a calva com um barrete de

pelle de lontra, óculos redondos seguros pela pressão na ponta do nariz, deixava cair em pregas artisticas, como se fosse a pretexto de um personagem consolar, o seu chambre de ramagem, sob cujas orlas appareciam como uma provocação ás leis sumptuarias e ao bom gosto as vastas pantufas de marroquim amarello que lhe tornavam os pés desmesurados e medonhos.

Mestre Eusebio era como a maior parte dos pedagogos do seu tempo, continuados infelizmente nos nossos dias, acerrimo sectario da mais feroz pedagogia. A sua philosophia era singela como o seu lenço de Alcobaça estendido quasi sempre e formado em batalha entre o favorito Madureira e a caixa, em cuja tampa as tres graças, pintadas em papelão, escondiam a nudez n'uma crusta de simonte. Disputaram os philosophos sobre quaes são as fontes dos nossos conhecimentos. Inutil e lastimosa controversia! Mestre Eusebio era dogmatico e decisivo na questão. A origem das idéas era palmatoria. Tal era o principio simplicissimo, d'onde mestre Eusebio, tão avaro de theorias como munificente em palmatoadas, menos transsundente que Pestalozzi ou Feuerbach deriva ao mesmo tempo a educação e a philosophia. Mestre Eusebio deixou milhares de successores na sua doutrina. Mas em Castilho—mal o sonhára o pedagogo nas vespéras da invasão franceza—deixava um perseguidor incansavel d'aquella seita e um apóstolo eloquente da educação pela intelligencia e pelo amor.

Sob a direcção de mestre Eusebio alcançou o poeta as primeiras noções do ler e do escrever; mas o que ficou sabendo com evidencia, para não mais o deslembrar, foi a improficuidade dos methodos brutaes, que fazem da aula uma hecatombe, e da férula um argumento irrespondivel.

Andando nas primeiras letras o veio saltar uma dolorosa enfermidade. A um sarampo, a principio benigno, succedeu uma erupção, que se foi complicando com uma inflammação dos olhos. Incharam-lhe as palpebras pela parte interior, de modo que era impossivel descerral-as e receber a menor porção de luz. Multiplicaram-se as juntas e os esforços da medicina, que tão de casa tinha o poeta, pelo pae e pelos collegas. Com as juntas e pareceres os desenganos. O poeta perdeu inteiramente a vista. Parecia não haver a principio lesão alguma nos orgãos da visão. Anos depois melhorou o poeta da primeira inflammação. Mas a cornea quasi de todo se havia tornado opaca. O olho direito estava para sempre condemnado á escuridão. No esquerdo alguns pequeninos espaços ainda transparentes permittiam o accesso a alguma luz. Desde então Castilho teve quasi defesos á sensação os mais ricos thesouros da natureza. Distinguindo as côres, per-

cebendo os objectos, quando os examina a curtissima distancia, ficava-lhe ainda luz bastante para lastimar o perdido esplendor com que ainda havia pouco a festejava. Cantor da natureza, cantor da luz, pintor e corolista felicissimo e brilhante, ficava-lhe para desenhar e colorir os seus amenissimos paineis, a pahlleta preparada nos primeiros annos da infancia. Era como se a Rafael lhe tivessem apenas concedido para immortalisar o seu nome as tintas que lhe sobrassem das loges do Vaticano. Singular paradoxo da vocação poetica! Milton perdendo a vista, levantasse da terra, que é toda trevas para elle, até ao céu, onde refulge a luz intellectual e traça nas sombras da sua vida a pintura esplendida do Paraiso. Milton porém, linha contemplado muitos annos o universo radiante. A Castilho mostra-lhe a natureza as suas cores, os seus matizes, os seus esplendores, as harmonias da sua luz, deixa-lhe ver o verde esmaltado dos seus arvoredos e das suas campinas, o azul diaphano das suas aguas remansadas, o verde escuro do Oceano, o ceruleo dos ares do estio, a côr plumbea de um céu brumoso, e depois cerrando-lhe de improviso e para sempre o panorama, dá-lhe com a vocação o pincel e diz-lhe. «Retrata-me se podes. Dá-me nos teus versos as minhas paisagens mais ridentes, e variadas. Dá-me o lourejar das espigas, as tintas suavissimas da aurora, as côres saudosas do crepusculo, os reflexos melancholicos da lua e innunda em torrentes de luz o phantasioso desenho dos teus poemas.» Pediu a natureza o impossivel quasi. Castilho porém acceitou o repto e saiu laureado com a victoria. Irrefragavel demonstração de que o universo inteiro existe retratado em miniatura n'um perfeito entendimento!

☐ A doença, que privára Castilho da perfeição da vista, acabou de operar a revolução, que no seu organismo se começára logo nos seus primeiros annos. Estava agora robusto e saudavel como depois tem sido sempre. Agora lhe dava a natureza as forças para o trabalho, quando lhe tirava o mais poderoso instrumento da educação intellectual. Agora o ingenho a sós comsigo, livre das importunações externas dos sentidos, como que recatado em seu sacrario, crescia ardendo por desatar-se em manifestações poeticas. Era ainda precoce a idade para a poesia. O poeta, antes de cinzelar artificiosamente os periodos e de revellar as fórmulas intelligiveis, devia tactear as fórmulas phisicas, e passar pelo escopro antes de vibrar a lyra.

☐ Queria a natureza experimental-o com um milagre do ingenho. Aporfiava por fazer crer a todos que é para os talentos a visão uma superfluidade e a luz uma pompa vã.

☐ Vejamos como dispoz as coisas para o provar.

Contava Castilho entre os amigos de sua casa ao celebre estatuário Joaquim Machado de Castro, auctor da estatua equestre de el-rei D. José I. Era já o esculptor por aquelles tempos mui entrado em annos, mas ainda laborioso e deligente. Assistia ao Thesouro Velho. A casa tinha o que quer que fosse de solemne e antiquario. Era uma habitação do antigo regimen, decorada de pannos de arraz, onde as imagens dos heroes da Iliada pareciam á luz indicisa dos aposentos, saltar da tela, para vir terminar no meio d'elles, as suas homericas pelepas. Ali levavam muitas vezes o futuro poeta, como se fôra uma gloria nascente, que ia a receber a benção de uma gloria moribunda. Estava o decrepito esculptor no seu gabinete, cercado de livros e de gravuras, ora desenhando, ora escrevendo, ora deixando aquelle pequeno santuario para ir visitar a aula e a officina de esculptura, que tinha estabelecida no andar terreo da propria habitação. Celebrava o velho o engenho precoce de Castilho e lastimava não poder ensinar-lhe como aos irmãos as suas artes predilectas do desenho. Tinha Joaquim Machado por ajudante na escola, que regia, o esculptor Faustino. Festejava o ajudante as disposições precoces em que já se revellava no poeta o amor das artes. Dáva-lhe ás vezes, para que brincando os affeiçoasse, alguns pedaços de cêra plastica, com que os imaginarios costumam esboçar as suas obras, para corrigir em vulto os desenhos, que idearam. Começou Castilho a tomar nas mãos, mais do que inespertas, desajudadas da visão, os pedacinhos de cêra, e a moldal-as em pequeninos esbocetos. Saíu-se bem com as primeiras tentativas que pelo commum abortam em monstrosinhos plasticos nas mãos da infancia ignorante. Elevou-se a maiores vãos o poeta. Pelo tacto foi estudando a rude anatomia, que em tal idade lhe era permitido descobrir, com as mãos foi observando a musculatura no proprio corpo, e errando agora, emendando logo, tentando sempre, não desanimando nunca, aquecendo com o fogo do estro a cêra, que não podia illuminar com a vista, alcançou cinzelar uma estatueta, que representava um geniosinho, um amor, o que quer que era de infantil e de poetico. Caiu a obra nas mãos do grande mestre. Imagine-se o alvoroço, com que a receberia. Uma creança, sem luz, tentava n'um brinco pueril, os caminhos de Canova e de Thorwaldsen. Aqui foram os encarecimentos e enthusiasmos do ancião, aqui os louvores ao que se lhe affigurava um milagre do engenho, aqui as prophecias, com que promettia ao futuro cantor da *Primavera* um logar distincto na galeria dos Phidias e dos Miguel-Angelos. Do que lhe parecia prodigio de talento, deixou Machado honrosissima e authentica

recordação n'um papel, escripto e firmado pelo seu proprio punho. Existe o documento em poder do agraciado. A elle, e ao episodio que lhe deu occasião, allude Castilho em uma nota das *Escavações poeticas*, que publicou, já quando a fama do seu nome tomára logar preeminente nos fastos litterarios de Portugal.

Perdida quasi inteiramente a vista do poeta, julgaram os paes serem perdidas as esperanças de o aproveitar para a mais singela educação, quanto mais para o officio litterario e gloria sua e da nação. Era um invalido, a quem a affeição paterna destinava o abrigo da familia. As honras, os cargos e as dignidades era sonhar-as e promovel-as para os irmãos, que já denunciavam na puericia talentos tambem distinctos, e que fariam depois da familia uma especie de academia. Era tempo de mandar os irmãos do poeta a cursar humanidades. Começaram, como é uso, pelo latim, que se ensinava então nos *Geraes*, especie de lyceu irregular e incompleto, que por aquelles tempos havia ao Cunhal das Bollas, na rua da Rosa. Ali professava as letras latinas José Peixoto do Valle, erudito e supersticioso cultor das antiguidades romanas. Era um homem já adiantado em annos. Quem o visse no alto da sua cadeira magistral, com os cabellos brancos n'uma desordem classica e estudada, fazendo repercutir nas paredes da aula publica as allocuções de Tito Livio, vibradas por uma voz grave e magestosa, quasi inspirado a dois mil annos de distancia pelos sentimentos e pelas grandezas da republica, julgaria ver representada ali a romana magestade, imaginaria ouvir a entonação eloquente de Menenio Agrippa, evocando do Monte Sacro á cidade eterna a plebe offendida e revoltada. José Peixoto tinha o corpo no Bairro Alto, prosaico e desconsolador theatro para heroicas attitudes, mas o espirito vagueava-lhe senhoril e triumphante no fóro, ou no senado. Mais zeloso do nome quiritario de que os Fabios e os Scipiões, chegava porventura a tomar a turba embelle e infantil, que o escutava, pelo povo-rei, congregado em centurias no campo de Marte para deferir o consolado a Paulo Emilio ou a Pompeo. Para elle Roma havia cerrado o cyclo inteiro das mais esplendidas e opulentas civilisações. Depois de Roma os barbaros duravam ainda no seculo, em que elle vivia. A missão da humanidade era venerar nos codices latinos as unicas reliquias preciosas da antiga senhora do universo. *O Felix qui poluit rerum cegnoscero causas* tinha no seu juizo litteral applicação aos que podiam comprehender e interpretar nos originaes romanos os unicos prodigios verdadeiros do engenho e da phantasia. Ajudava a José Peixoto no seu fanatismo latinista a memoria prodigiosa, que soube enriquecer com a mais sele-

cta erudição. Elle só valia a bibliotheca de Fabricio. Os trechos da mais grave ou da mais amena poesia latina, saiam-lhe sonoros e fluentes na magestosa declamação.

Da aula do latim voltaram no primeiro dia os irmãos de Castilho, trazendo para decorar a costumada lição de *musa, musæ*. Perguntou-lhes o poeta o que haviam elles de estudar n'aquelle dia. Disseram-lhe que os primeiros nominativos. Redargúe Castilho que, se lh'os lessem mui de prompto os tomaria de memoria. Duvidaram os irmãos da façanha de quem se propunha aprender latim sem poder com os proprios olhos estudar. Recresceu-lhe o animo com a objecção. E já n'esse dia mostrou para quanto era a sua agudesa e retentiva. No dia seguinte pediu ao pae que o deixasse ir á escóla com os irmãos. Cedeu o pae, como quem condescendia com um desejo inoffensivo, mas inutil. Voa á escóla. Dão os alumnos a lição. Offerece-se Castilho para ser dos primeiros a responder. A ponto são as suas respostas. José Peixoto affaga a esperanza de um novo e tão singular alumno, que por seu alvedrio, sendo creança e dispensado de cursar escólas, as vinha buscar por vocação. Depressa entrou Castilho, não como proletario, senão como patricio, n'aquella modesta Roma litteraria, aonde havia subir depressa quasi ao officio e honra de dictador.

Um mestre entusiasta, um discipulo poeta, que mais se podia desejar para que fosse estreita e cordial a ligação?

É hoje moda desdenharem os litteratos e principalmente os poetas, que se presam de originaes, a convivencia familiar com as musas classicas. Era então exactamente opposta a tendencia dos espiritos. Hoje cobre-se e doura-se a negligente ignorancia dos thesouros antigos com a opulencia exaggerada das modernas creações. Então avultava-se a penuria da invenção para sujeitar os engenhos mais audazes ao jugo de Horacio e dar-lhes a todos moradia de escudeiros no Parnasso da velha gentilidade.

O latim que devia ser um estudo e um exemplo, era então um culto e uma superstição. Hoje é um atheismo commodo, que dispensa os poetas de estudar. No regrado justo-meio reside agora a verdade da questão. E de feito, que exemplares e que modélos de gosto, de correcção, de atticismo, de eloquencia, de dicção e colorido não perderam os que deixaram virgens os codices da antiguidade? Duas faces tem a verdadeira poesia. Uma, intellectual, sensivel a outra. Uma ideal, formal a segunda. A esculptura, por assim dizer a modelação, o relevo, o cinzelado da poesia tocaram a extrema perfeição na antiguidade. O pensamento christão anima o poema actual. Mas a fórma, para que elle brilhe, ha de rastrear de perto o exemplar antigo. Assim como o Moysés

de Miguel Angelo excedendo-o de toda a magestade do Sinay, e de toda a gloria biblica, segue de perto, no desenho material, as linhas classicas do Jupiter de Phidias.

Da estreita convivencia com o mestre erudito e entusiasta, nasceu em Castilho o ardor, com que elle desde os mais verdes annos conversou familiarmente as musas latinas. É porventura ao influxo, que no seu animo exerceu o já hoje obscuro José Peixoto, que se devem em principio as mimosas traducções, que dos poetas da idade aurea temos já hoje recebido da penna de Castilho. Os seus primeiros tentames de poesia safram, como era uso no antigo ensino classico, moldados pelas normas virgilianas: exercicio perigoso para mediocres engenhos, porque os póde facilmente transviar para o pedantismo; fecundo e illustrativo para poetas verdadeiros, que hão de mais tarde subjugar e affeição um idioma, nascido do latim.

Nos Geraes do Bairro Alto aprendeu Castilho a rhetorica com Maximiano Pedro d'Araujo Ribeiro, que ali a professava, com tanto esplendor e eloquencia, quanta é possivel em mestres de oratoria, quasi sempre opulentos de exemplares, e pobrissimos de engenho e de invenção. Era Maximiano um cultor apaixonado do velho Quintiliano, bom humanista e achacado da enfermidade de fazer versos, ora originaes, ora versões de escriptores da antiguidade. Traduziu Persio e Juvenal Calculava rhetoricamente os seus enthusiasmos em odes pindaricas, de que ficou pouca memoria. Escrevia comedias da propria lavra, de que não resta hoje recordação no theatro nacional. Era Castilho o seu discipulo amado, como aquelle, em quem reluziam mais visiveis lumes de poesia. A Castilho tomava por confidente dos seus desafigos metricos, e a elle o elegia por auditorio o Pindaro ephemero do Cunhal das Bollas. Tinha por Cicero um amor que raiava em adoração. Ás bellezas nativas, que um simples mortal póde achar desprevenido nos discursos do celeberrimo orador, juntava Maximiano perfeições, que elle proprio esquadrihava, calumniando de sublimes as expressões mais triviaes e familiares, que o orador escrevêra sem pretensão.

A estes tempos de vida litteraria pertencem os primeiros versos portuguezes de Castilho. Andando no latim, verteu em metrificacão vernacula o episodio da *Inveja das Metamorphoses*, o qual lhe foi dado como thema pelo mestre. Tendo lido a vida do padre Balthasar da Encarnação, piedoso fundador do conventinho da Boa-morte, saudou a memoria do veneravel ancião n'um soneto que começa:

Debaixo d'esta rocha tosca e dura
No centro d'uma lapa escura e fria, etc.

Em que se percebe já, a despeito da profusão dos epithetos, a cadente harmonia da sua correcta versificação. Eram-lhe já por estes tempos as musas complacentes, e com natural e fluente improvisação denunciava a viveza e promptidão do seu engenho. Volumos e volumes de poesias compoz e collegio n'estes annos de primeiro tirocinio Seguia n'ellas o sabor e o estylo de Camões. As eclogas eram o producto mais espontaneo e predilecto da sua fertil imaginação. Era Camões emprestando as suas tintas ás saudosas reminiscencias do Paço do Lumiar. Quasi todas estas primicias litterarias as consumiram as chammas, ao começar o poeta, com intentos de maior seriedade, segundo e mais brilhante periodo da sua vida intellectual.

(Continua).

J. M. LATINO COELHO.

NOVO CURSO SUPERIOR DE LETRAS

(Continuação)

Por um phenomeno difficil de explicar, sendo a historia de Portugal dos ultimos tempos a historia quasi commum das luctas civis da Peninsula hispanica, a nossa litteratura esquivase a esta influencia e caminha em regiões affastadas dos acontecimentos politicos. O talento poetico inspira-se no grande movimento de independencia nacional que reage contra o despotismo militar do primeiro capitão do seculo, mas inspira-se no que esse movimento tem de mais puro e ideal para effectuar, dentro das espheras da arte, o triumpho do genio da litteratura nacional, suffocado e confundido até ahi nas ruinas das tradições gloriosas da patria.

O peso da espada de Napoleão, com avassallar os imperios, tinha como comprimidas e suffocadas as nobres ambições da nacionalidade dos povos. Nos raros e breves intervallos de reflexão que a vida dos campos de batalha deixava ao soldado, o pensamento d'este volvia-se para a patria, e não poucas vezes a saudade lhe vinha pintar na imaginação, com as cores attractivas e sympathicas dos objectos ausentes e que se julgam perdidos para sempre, os logares queridos da sua infancia, os contos singelos com que a tradição popular lhe exaltára o espirito e os monumentos gloriosos que o haviam habituado a ver dentro das montanhas extremas do seu paiz os padrões da

sua independencia e os titulos venerandos da sua historia, e isto tudo banhado da luz suave do affecto de familia, porque havia sido ao fogo do lar domestico e no seio dos castos e doces enlevos da adolescencia que o pobre soldado havia ouvido estas revelações da boa de sua mãe n'essas horas que tão ledas e rapidas nos parecem, vista já a distancia, d'entre os tumultos e desgostos da vida dos trinta annos.

Foi de certo este sentimento a melhor fonte de inspirações para o auctor da *Dona Branca* e do *Camões*. Não foi a paixão politica que inflammou o estro do poeta e dardejou os seus raios n'essas vehementes allusões de que as *Messeniennes* de Delavigne, o *Lodovico Sforza* de Nicolini, e o *Don Alvaro* do duque de Rivas foram o esforço sublime: em Almeida-Garrett o poeta, ascendendo em raptos de lyrico entusiasmo, perdeu de vista o politico. A sua musa, como indignada de haver cedido por instantes ás idéas do tempo no *Catão*, e cingido a chlamyde tragica, sob a qual mal se disfarçam as fogosas apostrophes de emancipação liberal, largou o punhal das vindictas tribuniceas, e correu a inspirar-se nas lendas da nossa historia. A lembrança da terra natal avivada pelas agruras, e injustiças do exilio, e idealizada pelo sópro romantico que partirá d'além do Rheno e accendéra a imaginação de Byron e dos poetas da França, conseguiu desencantar do seu espirito os thesouros de uma litteratura nacional nos activos e fecundos instinctos, e ainda mais nacional na fórma singela e popular, que é como bafejada pela doce melancholia do genio da poesia peninsular.

Antes de Almeida-Garrett já Filinto Elyseo annunciára este desejo de renovação litteraria; e é facil de perceber em todas as suas obras, ainda mais o espirito de que a phrase sarcastica e ferina, affiando o epigramma que retalha as carnes dos *francelhos*, que mais ignorantes que irreverentes para com bellezas que desconheciam, desacatavam os foros da lingua, e com elles os nobres titulos da nacionalidade.

Esta tendencia, que entre nós se manifestou no começo d'este seculo, pelo desejo exagerado de moldar principalmente nas obras do theatro francez todos os nossos trabalhos do mesmo genero, o que produziu a familia interminavel das *Electras*, *Osmias* e *Sophonisbas*, era ainda um resultado do dominio dos chamados preceitos classicos do tempo de Racine e Boileau, a que o conde de Ericeira, e os seus academicos, curando de estimular o gosto das boas letras, haviam aberto ampla porta; preceitos que, revivendo em França na época do Directorio, tomaram as dimensões piegas de uma nova renascença grega, a ponto de depois se desenvolverem e caracterisarem a litteratura do impe-

rio. O *Méléagre* de Lemerrier, o *Marius à Minturnes* de Jony, o *Pyrhus* de Lehoc e o *Hector* de Lucio Lancivel, completam a prova d'esta imitação pallida dos classicos.

Mas em Portugal os effeitos d'esta influencia estranha não foram longe, como não foram os de nenhuma outra influencia litteraria, a não ser a que nos trouxe a Hespanha, nos fins do seculo xvi, com a usurpação dos Filippes. N'essa época, com o predomínio politico, entraram de envolta nos animos, já abastardados por uma serie de causas cujo desenvolvimento não vem para aqui, os tresvarios da escola de Gongora e as depravadas subtilezas do cultanismo. O genio da poesia nacional, como presentindo o largo periodo de olvido a que seria votado, havia soltado os seus ultimos lamentos de despedida nos sentidos cantos do *Affonso o africano* de Quebedo, e na maviosa e dolorida narrativa do *Naufragio de Sepulveda*, de Corte Real. Depois d'isso nada mais se ouvira de verdadeiramente portuguez, nem no sentimento, nem na linguagem. As diversas manifestações da arte, da arte filha genuina do sentimento peninsular, mixto da influencia christã e das tradições cavalleirosas da idade-media e das lendas arabes jaziam opprimidas e despresadas pela tyrannia estulta das doutrinas da litteratura mythologica, doutrinas sem raizes no nosso solo, nem comprehensíveis, nem acolhidas no animo do povo. Que sabia o povo de Jupiter com o seu Olympo, e de Venus, a lasciva e formosa esposa de Vulcano? A vista esplendida do firmamento, nas horas da magestade silenciosa da noite, dava mais azas á imaginação poetica, do que toda a comitiva impudica das divindades pagãs de Hesiodo e Homero. O brado do auctor de *Dona Branca*:

Aureos numes d'Ascreu, ficções risonhas
 Da culta Grecia amavel.....

 teu culto abjuro,
 Tuas aras profanas renuncio;
 Professei outra fé, sigo outro rito;

esta abjuração do grande poeta era a voz instinctiva da nação. Por isso o movimento de renovação litteraria, que succedeu a este longo periodo de subjeição e entorpecimento para os vãos da phantasia, apresenta-se como um movimento instigado pelos incentivos da arte nacional que, cansada de tal estado de escravidão, quebrou as prisões das theorias classicas e tratou de colligir e atar de novo as suas tradições.

Mas todo este impulso teve um tardio e difficil movimento pro-

gressivo em Portugal; e foi só passados annos, depois da revolução liberal de 1833, e de se ter apagado o fogo dos odios politicos, que os animos, respirando n'uma atmospheria já desanuviada das tempestades partidarias, sentiram pullular em si os germens da renovação litteraria, a que a revolução, irrompendo n'uma parte da Europa, havia preparado o caminho ás suas tendencias predilectas. A *Harpa do crente*, a *Voz do Propheta*, a *Noite do Castello*, os *Ciumes do Bardo*, a *Baroneza de Gaya* foram as tentativas e os triumphos das novas inspirações. O sentimento vivo das tradições legendarias, a que empresta uns tons elegiacos a natural melancholia do genio da poesia peninsular tornou-se em geral a alma e a expressão d'estes poemas, que acharam na historia ou nos vãos da phantasia poetica as suas ficções e os seus personagens. Depois veio o grande acontecimento litterario, appareceu no theatro o *Gil Vicente* que abriu nova vereda, e porventura a mais larga e triumphal, a uma legião de mancebos que acharam na scena o campo fecundo das suas estréas dramaticas.

O *Gil Vicente*, o *Panorama*, a *Revista Universal* e o *Trovador* são os padrões que, em épocas differentes e patenteando esforços de consagração distincta, inauguraram comtudo o mesmo pensamento, posto lhe marcassem a partida de pontos diversos e mais ou menos aplanados já pelos progressos intellectuaes. Cada uma d'estas obras resume o epilogo de um grande periodo litterario para nós.

O *Gil Vicente*, reproduzindo a córte de um reinado glorioso, entrelaça o nascimento da comedia nacional com o alvorocer da poesia lyrica nos vultos de dois grandes poetas. É uma lição e um incentivo; e é principalmente o drama que se filia na escola que illumina a historia com a vehemencia e rasgões ideaes da paixão moderna. O nosso theatro moderno começa n'este exemplo.

Ao nome de Almeida-Garrett veem depois ajuntar-se os de Alexandre Herculano, Mendes Leal, Abranches, Pereira da Cunha, Cascaes, Lacerda, Feyjo, e outros. Os *Dois Renegados*, o *Captivo de Fez*, o *Fronteiro de Africa*, a *Brazia Parda*, a *Rainha e a aventureira*, os *Dois Campeões*, dramas, uns modelados pelos grupos severos da historia, mas idealisada pelas liberdades da phantasia, resumem este quadro de inspiração, estudo e applauso para a nossa scena.

O *Panorama* é o primeiro centro litterario que se constitue: o seu pendão, é o das novas doutrinas; e os seus soldados uma phalange de mancebos que mal despontam para as letras, mas arrojados nos commettimentos. O sr. Alexandre Herculano é o

Nestor e ao mesmo tempo o Ulysses d'esta guerra em que não ha Troyas para cercar nem demollir, mas em que ha velhas ruinas de preconceitos litterarios que importa derrocar, e monumentos de inspirações novas que é mister erguer. O romance, a poesia, as excavações historicas, a critica amena, as lendas populares, os estudos archeologicos, tudo figura nas paginas d'este vasto repositorio, que muito concorreu para os progressos da litteratura nacional.

A *Revista Universal*, cujo plano é já mais vasto e encyclopedico, porque reune aos agrados das letras os melhoramentos industriaes e economicos, fórma o segundo passo no desenvolvimento das idéas e dos factos, que influe para a illustração dos nossos talentos n'esta era. Á sua frente figura o nome illustre do sr. Antonio Feliciano de Castilho.

Depois apparece o *Trovador*, parnaso moderno de ardente e inspirado trovar; mas parnaso, não, que essa pleyada de talentos mancebos, correndo a agrupar-se em torno do archanjo da poesia nacional,

Quebra os numes de Ascreu, Musas despreza,
Renega as antigas leis, descrê do Olympo.

Abjura as ficções risonhas da Grecia; por crença só quer o Eterno.

O mundo por altar, os céos por templo.

E que thesouros de phantasia, e que fogo vivido de crenças puras não fulge n'aquellas paginas palpitantes ainda do entusiasmo das energicas e ferverosas convicções da nova doutrina! A oração melancholica da tarde, os extasis frementes da manhã, as bellezas mysteriosas da noite a furto allumiadas por meigo olhar da lua, as serenas consolações da oração, os aromas enebriantes do balsamo da esperanza, as iras do ciume n'um peito de vinte annos, os beijos frementes dos labios apaixonados na selva ao despedir do dia, a voz dos bosques, os gemidos da torrente, sobras vagas do crepusculo, todos estes hymnos da natureza, todos estes brados do coração virgem, todos estes raptos da imaginação em fogo, todos estes arrebatamentos de voluptuoso e suavissimo lyrismo tem um ecco, uma nota, um cantor e uma harpa n'aquelle côro de almas bafejadas pelo genio das ferventes e sinceras inspirações. É d'este entusiastico certame que saem os nomes bemquistos ás letras de João de Lemos, Rodrigues Cordeiro, Serpa, Pereira da Cunha, Lima, Palha, e Couto Monteiro.

Mas depois seguem-se tempos esterios para a litteratura. As dissensões dos partidos rebentam de novo, e o jornalismo politico attrahe e absorve os talentos. Um grande numero dos mais eminentes campeões d'esta cruzada passa para os diversos campos da politica pratica. Alguns ha que, ou por lhes repugnar a refrega accesa da polemica jornalistica ou por pouco maduros para se darem á discussão dos negocios publicos, se recusaram a entrar n'esta peleja de todos os dias e de todas as horas, em que as paixões se desvirtuam e o talento sente esfriar os raios mais vibrantes e refulgentes; e d'esta abstenção mais de uma obra saíu, em que a critica teve que applaudir. Mas a verdade é que o impulso havia affrouxado, e que o sol dos esplendidos dias declinava para o seu poente. Na poesia ainda algumas vocações já consagradas, como Mendes Leal, João de Lemos, Soares de Passos, Alexandre Braga, Palmeirim e outros, mostraram conservar-se fieis ás suas musas, soltando de tempos a tempos algumas notas do vago e sonoro hymno de harmonias que lhes vibra lá nos intimos d'alma. Mas a critica, essa segunda phase das épocas litterarias, tomando posse dos espiritos, veio mostrar que a quadra dos espontaneos e ingenitos arrebatamentos deixava o logar á quadra da analyse e da reflexão. Era a puberdade que seguia a adolescencia.

O talento não se podia esquivar a esta lei geral de florescencia e fructificação. Mas as arvores enfrondecem, florecem e fructificam para, depois de se appropriarem novas substancias nutritivas, ostentarem renovada seiva em virentes prodigios de vegetação. Com os espiritos, porém, não acontece assim: uma vez amadurecidos, a idade dos fructos não torna á das flores. O circulo fatal fecha-se para não mais rodar: e essa gradação, que se passa no individuo, transparece igualmente no complexo de uma geração litteraria e caracteriza-a, quando não acudam novas vocações a supprir os logares que o talento, na sua acção progressiva de amadurecimento, vai deixando na escalla das impressões juvenis.

Um ligeiro exame da elaboração por que tem passado o espirito de quatro dos nossos primeiros engenhos, exemplifica este facto melhor que todas as dissertações. No auctor da *Primavera* brotam meigas e inspiradas as impressões da mocidade nos rhythmos amenos do *Amor e Melancholia*: depois, como um complemento de talento poetico, que jura no altar do culto romantico, apparecem a *Noite do Castello* e os *Ciumes do Bardo*. Vem em seguida a traducção das *Metamorphoses* e de outros modêlos da anti-guidade. Aqui é já o philologo e a poesia erudita que se manifestam.

Completa o quadro o *Methodo portuguez* e o *Tratado da Metrificação*, onde o pedagogo pede já apenas ao poeta os segredos da arte, o fogo das convicções e os encantos do estylo.

Isto que aconteceu com o sr. Castilho dá-se com o sr. Herculano. A *Harpa do Crente*, a época das crenças que o ardor das aspirações religiosas alimenta, antecipa-se ao *Monasticon* e ao livro das *Lendas*, periodo em que o viço poetico se desenvolve já ao sol do pensamento historico; e estas duas phases do talento do illustre escriptor, como que preludiam já o competidor de Niebuhr e Guizot, que se revella de todo no celebrado monumento da *Historia de Portugal*.

Os srs. Rebello da Silva e Mendes Leal cedem á mesma serie de influencias. A aurora litteraria desabroxa para elles em dois themas exagerados pelas côres vivas da phantasia estimulada pelos instinctos da exaltação litteraria da época: *Os Dois Renegados* e o *Rausso por Homezio*. A imaginação, n'estes quadros, enlucta-se, mas resplende atravez das trevas da nova escola, porque a virtude da ascensão maravilhosa do talento transporta os auctores acima das fórmulas convencionaes e hyperbolicas do tempo. Depois, n'um os *Fastos da Igreja*, e, no outro, a *Historia do Oriente*, indicam a maturação dos dois espiritos. Hoje philologos, criticos e academicos, desempenham-se dos graves encargos de um trabalho de investigação e analyse: Rebello da Silva escreve a *Historia da Restaçuração de 1640*, e Mendes Leal completa o quadro dos nossos descobrimentos maritimos, começado pelo finado visconde de Santarem.

Taes modificações nada fazem perder aos talentos do seu valor intrinseco; são valores reaes que substituem outros valores reaes. Póde até dizer-se que absolutamente avaliado o poeta, o homem de imaginação, val de certo menos que o philosopho, o historiador ou o pedagogo; porque os progressos da sociedade dependem mais d'estes que d'aquelle. Mas, nas differentes idades caracteristicas do talento, a poesia é a mocidade, e um seculo sem poesia é um seculo sem as alegrias e os verdores dos primeiros annos. Não tem primavera. O sol das illusões não doura a alma de seus vivos e formosos raios, raios que se apagam talvez não poucas vezes no seio do firmamento, mas que outras tambem se concentram em focos de luz no céo das esperanças indefinidas. É talvez um viver de chimeras; mas ao mundo, tirando-lhe esses enlévos de suave cogitar, o que fica? Ficam as cinzas das gerações passadas, amassadas com as lagrimas das gerações presentes, como diz Chateaubriand.

Esta transformação individual é a transformação que caracteri-

sa a presente quadra. O estudos severos absorvem hoje os altos espiritos, e a poesia desfalece. Um ou outro livro de versos, de sentidos e inspirados versos, mas impressões dos primeiros annos, vozes da alma no alvorecer da vida, embevecimentos contemplativos, suscitados pelo magestoso silencio das scenas da natureza, como por exemplo os dois volumes *Flores e Amores* e *Religião e Pátria*, de João de Lemos, ou as *Poesias* de Soares de Passos, ou os *Canticos* de Mendes Leal, e os *Cantos matutinos* de Gomes de Amorim; um ou outro livro d'estes, repetimos, ainda que publicados ha pouco, resumem, em geral, as impressões, que o publico já havia apreciado, revelladas em varios tempos e em differentes publicações periodicas. São a expressão de outra época que já passou.

A verdadeira poesia despediu-se de nós. A época não a inspira, nem a aclimata. Entenda-se por poesia a elevada e original poesia, porque as rapidas estancias, as strophes elegiacas, os impulsos de um lyrismo imitativo, nunca hão de fallecer a um idioma cujo rhythmico e a um povo cujas propensões se combinam e cazam, se póde dizer até, com as disposições mais constantes do proprio espirito popular. A alegria e a dôr, no peito portuguez, encontram naturalmente o molde poetico.

No theatro e no romance a decadencia ainda é mais decisiva. A arte dramatica affasta-se das espheras onde encontrava em melhores tempos a sua verdadeira e fecunda expressão. Como em França, os excessos da escola realista especulam com os grosseiros instinctos populares, e as leis da industria são os unicos oraculos escutados n'estes generos litterarios. Camillo Castello Branco resgata-se pelos fulguerosos rasgos do seu talento, e pelas verdades de uma observação profunda dos vicios do genero, que a sociedade que o rodeia contribuiria para lhe affeiar, se não fôra a elevação do seu engenho incontestavel. Finalmente nunca no seio da litteratura usual e da critica activa se mostrou uma deficiencia mais completa de escriptores conceituosos, instruidos, conscienciosos, como hoje se nota. O proprio jornalismo politico parece deixar já entrever as sombras do occaso.

Este é effectivamente o estado da nossa litteratura, e o estado das influencias que aliás e legitimamente a poderiam e deviam animar.

(Continúa.)

ANDRADE FERREIRA.

FADARIO DOMESTICO E POLITICO*

DE

JOÃO GRAINHA

I

Comecemos pelo principio. João Grainha em pequeno era fechado como uma porta, e guloso como uma freira velha. O pai, honrado bacalhoeiro á Ribeira Velha, e ainda então remediado de bens da fortuna, desejava, como elle dizia, pôr o rapaz a aprender para doutor, e tiral-o da lufa-lufa do balcão, para que o achava demasiado franzino. N'este louvavel intuito vestio o rapaz de novo, e ajustou com o gallego que servia a loja, de o levar e trazer da escóla por mais doze vintens mensaes, e a condição verbal de lhe pagar os barrís de agua no inverno como se fosse em agosto. Feito este accordo previo encommendou a um alfarrabista seu visinho, uma *Cartilha do Mestre Ignacio*, umas *Fabulas de Esopo*, e um *Thesouro de Meninos*, tudo em segunda mão. Tomadas estas sensatas disposições, o nosso bacalhoeiro sahiu uma bella manhã da pucilga, e foi-se ter com o mestre que morava á esquina da mesma rua, tinha sido servente dos frades Cruzios, e passava no bairro por ser homem temente a Deus, desembaraçado em fazer contas de cabeça, e um habil paleographo de toda a caixeirada do sitio. A entrevista foi solemne, e ao mesmo tempo communicativa. O mestre, timorato em casos de consciencia, teimava em que não podia receber mais discipulos; que tinha as suas turmas completas, e não lhe sobravam os decoriões habilitados para o substituir, se por ventura o rheumatico apertasse com elle para o tempo humido. O bacalhoeiro estava pasmado de tamanha inteireza, e pedindo a Deus, lá

com os seus botões, que não extinguisse com o seu interlocutor a raça dos portuguezes sinceros. O simonte é uma especie de cadeia magnetica. A primeira pitada offerecida pelo bacalhoeiro achou o pedagogo insensivel; a segunda tornou-o loquaz; a terceira encontrou-o de braços abertos para tudo quanto o logista quizesse d'elle!

Feitos os ultimos ajustes, começou João Grainha a frequentar a escola, e a passar desde logo entre o rapazio por ser o mais bronco dos discipulos de mestre Nicolau. Tres annos andou o nosso futuro patriota ás marradas na cartilha, dando sincas hereticas nas obras de misericordia, e sendo de uma prodigalidade sem exemplo nos nove-fóra. O bacalhoeiro pedia paternalmente a mestre Nicolau que lhe mandasse ao menos as orelhas do filho, mas o mestre escusava-se d'esta inquisitorial encommenda, dizendo que a intelligencia era uma dadiva do céo, e que nem todos podiam ser aguias. Contar as grosas de palmatoadas que João Grainha levou até chegar a perceber os motivos por que o corvo se deixára embair pela raposa, a ponto de largar o queijo do bico, seria tentar o impossivel. Finalmente chegou o dia em que mestre Nicolau, sempre inspirado pela consciencia, entendeu dever participar ao bacalhoeiro que já não tinha nada que ensinar a seu filho! É preciso que o leitor saiba que mestre e discipulo eram dignos um do outro, e que João Grainha safu da escola dando syllabadas de fazer arripiar um mouco, e escrevendo um bastardinho tal que envergonharia um cabo de policia se tivesse de dar com elle a parte de um roubo ao regedor da sua freguezia. Foi com estes robustos preliminares que o discipulo de mestre Nicolau deu a sua entrada no latim, deixando o bacalhoeiro convencido de que seu filho poderia limpamente ajudar á missa dentro em seis mezes, e ler em pouco tempo sem gaguejar o — *In hoc signo vinces* — de um cruzado novo. O homem põe, e Deus dispõe. Passou-se um anno, de natal a natal, e ainda João Grainha não sabia os nominativos salteados, e cada vez que olhava para a grammatica latina abria uma bocca capaz de engolir um *Magnum Lexicum*. O bacalhoeiro desculpava-se dizendo que o rapaz safa á mãe, injuria que a pobre mulher tragava para não acirrar o mau humor do marido.

Quando João Grainha acabou os seus preparatorios no lyceu, andava já o bacalhoeiro com os pés para a cova, e um pouco arrastado de fortuna, por ter naufragado um navio que lhe vinha consignado a elle com não sabemos com quantos milheiros de costados de bacalhau. Ainda assim, fez um esforço, e mandou o rapaz para Coimbra. É inutil dizer que João Grainha passava pela Fonte das Lagrimas e pelo Penedo da Saudade, como um burriqueiro da Outra-Banda passa pelas calçadas de Caci-lhas até á Cova da Piedade. Antipoda das tradições poeticas e romanescas o nosso caloiro preferia uma boa posta de lampreia; comida n'uma es-

talagem, ao que elle na sua linguagem carrascan chamava «boatos» a respeito de Ignez de Castro. Entalado entre uma magra mesada e os appetites de um estomago de ferro, João Grainha entendeu dever engrossar os seus cabedaes nas espeluncas, jogando sempre contra o rei por espirito de republicanismo, e ficando diariamente sem real de seu. Os condiscipulos tinham-lhe posto por alcunha o *Batota*; e não havia bernardice academica de que o não fizessem editor responsavel. O bacalhoeiro cada vez mais apertado de meios, quasi que só lhe mandava *novas da sua saude*, fraco estímulo para tão positiva constituição como era a d'aquelle bastardo de Minerva. Dizem que a necessidade é inimiga da virtude, e assim o provou João Grainha nos ultimos annos da sua formatura, sendo o flagello das bolsas dos novatos, e fazendo-se uma especie de recebedor de sizas, apesar dos conselhos da mãe lhe pedia sempre n'um *post scriptum* das cartas do marido que fosse *manso de character e lhano de condicção*. João Grainha, surdo a tão evangelicas exortações, era o Attila da universidade, o que lhe valeu um bom par de favas pretas nas informações finaes sobre costumes, com que no correr do tempo lhe atiraram mais de uma vez á cara os seus inimigos politicos.

Como não ha ruim que não tenha ventura, João Grainha apanhou tres perdões d'acto em cinco annos, e safu de Coimbra trazendo a sua carta de bacharel-formado, mas myope como uma toupeira, e ignorando os elementos mais rudimentaes do direito natural. Montado no seu machinho (ainda então não havia a mala-posta, sobrescripto do nosso tempo á posteridade!) João Grainha disse do alto de um franjado albardão o seu ultimo adeus á Lusa-Athenas, trazendo comsigo toda a sua fortuna como o philosopho grego, e feliz por se ver livre das garras dos seus implacaveis credores.

A entrada de João Grainha na casa paterna foi pathetica como a de Ulyses na sua querida Ithaca. A mãe não podia crêr que o filho, neto e bisneto de bacalhoeiros, fosse um doutor. Abençoava mentalmente a memoria de mestre Nicolau, que fôra o primeiro a abrir-lhe as portas da sciencia, resmungando por entre os dentes quantas orações sabia pelo eterno descanso do servente dos frades Cruzios. A visinhança enchia os modestos aposentos do bacalhoeiro, que, sentado n'uma pilha de papeis de embrulho, recebia as felicitações dos amigos com a benevolencia propria de pae do primeiro grande homem da sua dynastia. Quando a familia ficou só, a mãe a pretexto de lhe conchegar o collete, mettu-lhe surrateiramente na algibeira dois dobrões de cinco moedas. Eram todas as economias da pobre velha no longo espaço de sessenta janeiros!

A primeira idéa de João Grainha, depois d'esta bisarria materna, foi uma espelunca; mas addiou para mais tarde a resolução do emprego

que havia de fazer de tão subida quantia, não conhecendo ainda bem o terreno que pisava. Ao outro dia, ainda a manhã estava em casa de Christo, já o bacalhoeiro rondava a porta do quarto do bacharel desejando assistir ao despertar de um sabio. Mas, ou pirraça de um engenho fóra do vulgar, ou moedeira da jornada da vespera, dava meio dia na Conceição-Velha, e João Grainha dormia ainda como um bem-aventurado! O bacalhoeiro dava tratos ao juizo para conciliar tamanha mandrice com tão prematura gloria, e concluia por applaudir a veracidade do proverbio que diz — que nem por muito madrugar se amanhece mais cedo.

II

Temos João Grainha orphão, e senhor dos modicos haveres que o honrado bacalhoeiro deixára por sua morte, afóra uma deixa á Santa Casa da Misericordia (tardia reparação de algum peccadilho amoroso da idade viril) e não sei quantas duzias de moedas a um compadre que tinha estabelecido na cidade de Pinhel.

Solto João Grainha das pês de familia, começou o nosso heroe a fazer os seus calculos, e vendo-se sem clientes nem protectores, entendeu que já não era cedo para pensar no futuro, e, depois de muito scismar, resolveu-se a tentar no matrimonio um arrimo ás subseqüentes eventualidades da vida.

O acaso, musa de todos os tolos, proporcionou a João Grainha a occasião que elle ambicionava para entabolar as suas relações amorosas. N'uma varanda corrida de um quinto andar á Mouraria, morava, com uma tia quasi macrobia, a senhora D. Maria da Annunciada, filha de um antigo capitão da extincta brigada, de marinha, mulher desenxovalhada de porte, mas de uma ignorancia hereditaria. Sem mais parentes do que a tia velha com quem vivia, receiava ver-se desamparada de um dia para outro, e considerava tambem o casamento como a sua unica taboa de salvação. A vizinhança tinha-lhe conhecido os seus vinte e tantos namoros, e dizia que ella estivera vae não vae a estreitar os sagrados vinculos com um boticario que morava defronte, projecto que se desmanchára, porque segundo elle affirmava, D. Maria da Annunciada andava sempre presa a dois carrinhos, e até havia já quem lhe rosnasse do credito. João Grainha, alcunhado maliciosamente pelo boticario João XIV, era, se dermos fé ao epigramma, o decimo-quarto João que D. Maria da Annunciada olhava sem desprazer, tendo sido o proprio boticario o decimo, e o seu aprendiz o decimo primeiro.

Esta chronologia dos Jões era sabida pelo pretendente, mas fatalista em todas as suas coisas, confiava dos seus attractivos pessoaes a emenda do character leviano da sua requestada.

A primeira epistola de João Grainha a D. Maria, foi copiada por um rascunho que benevolmente lhe fizera um antigo condiscipulo, desaffogado poeta d'albuns, e que andava ainda preso á mythologia como o caracol á casca. Citavam-se n'ella os amores fabulosos de todos os deuses, e a constancia excepcional d'algumas deusas. Esta carta, que subira ao seu destino por um cordel n'uma tempestuosa noite de janeiro, produziu no animo romanesco de D. Maria um d'estes choques electricos que decidem para sempre da vida de uma mulher. Nunca ninguém lhe escrevera tão bonitas coisas em frases tão nublosas; nunca até então houvera quem lhe pintasse o amor com tamanho, e tão decisivo entusiasmo! D. Maria da Annunciada tinha achado o seu homem!

A resposta, como o leitor bem deve suppor, não se fez esperar. Oito dias depois lia João Grainha a carta,

Onde a mão adoravel foi lançando,
Com penna de perum letra amarella.

Uma piedosa vizinha, que estudára o amor nos romances eroticos de Pigault Lebrum, fôra a incumbida por D. Maria da Annunciada de corresponder aos voos alterosos do bacharel-poeta-d'albuns. Apezar do muito uso que D. Maria tinha do estylo epistolar, julgara-se d'esta vez inferior a si mesma, e por isso encarregára cabeça mais desempoeirada da ardua tarefa de se corresponder com um homem, que, na frase das duas amigas, era capaz de deitar agua ás mãos ao mais pintado!

A carta de D. Maria da Annunciada, copiada, e recopiada umas poucas de vezes, resava assim:

Meu adoravel anjo.

«As vossas preciosas letras fizeram no meu *esprito* uma impressão «que, *oxalá* queira Deus não seja para *tromento* d'esta que vos ama «com todo o amor de que uma mulher é capaz. Se a sua pessoa *ma- «traçoasse* não haveria para mim mais descanço sobre a terra, nem «alegria para este coração que é todo vosso. Espero que as suas ten- «ções sejam ao *bomfim*... quero dizer na minha, ao matrimonio. Mi- «nha tia é uma senhora que não gosta de namoricos, mas *que* não se «importa *que* me escrevam no *bom sentido*. Mostrei-lhe a vossa carta «e foi ella *que* me disse, *que* lhe parecia que o senhor *m'amava*. Seja «constante, e creia no muito affecto da sua muito, e muito do co- «ração

M. d'A.

P. S. Desculpe-me não pôr o meu nome todo por inteiro, mas não duvide por isso do meu amor. Sempre sua.

Maria d'Annunciada.

Esta carta, fructo das locubrações das duas amigas, foi tida por João Grainha, senão por um exemplar d'orthographia, pelo menos como uma prova da muita candura de espirito de D. Maria, e do seu verdadeiro amor. Uma unica duvida porém o atormentava ainda, e lhe tirava o somno. Tinha toda a certeza que D. Maria não vivia do ar, mas foralhe impossivel até então descobrir quaes eram os seus rendimentos provaveis, e o seu positivismo revoltava-se contra a idéa de um casamento que não fosse escorado por algumas inscrições da Junta do Credito Publico. N'esta alternativa, resolveu-se a não responder á carta de D. Maria, em quanto não averiguasse a grande questão metallica que o trazia suspenso entre o amor e o interesse, decidido ao celibato, se por ventura o capitão da extincta brigada não tivesse deixado á filha algumas economias para viver com a dignidade de mulher de um bacharel-formado. Lembrou-se primeiro de interrogar o agoadeiro que servia a casa, mas pensando mais reflectidamente, aventurou-se a pedir ao recebedor das decimas da freguezia que lhe confiasse os livros do lançamento, para, dizia elle, requerer contra o imposto com o que o tinham indevidamente sobrecarregado na ultima collecta. O resultado correspondeu ás esperanças de João Grainha. D. Maria da Annunciada tinha um rendimento annual de quinhentos mil réis em predios urbanos, e morrendo a tia, podia herdar no Alemtejo uns baldios que segundo lhe diziam da provincia, bem arroteados davam para os amanhos nos cinco primeiros annos, e para consideraveis melhorias nos dois annos seguintes. Estas duas descobertas encheram de jubilo a João Grainha, e fortificaram-no cabalmente na idéa das suas proximas nupcias. Apesar de uma carta anonyma em que lhe pintavam D. Maria da Annunciada como um catavento, deixando-o até por umas maldosas reticencias suspeitar da sua honestidade, a idéa dos taes baldios do Alemtejo tinham tornado João Grainha de um estoicismo digno dos melhores tempos das antigas republicas.

De uma elasticidade de consciencia que só achava rival no cynismo dos seus juizos sobre a probidade alheia, o nosso heroe escreveu a D. Maria da Annunciada uma carta em que lhe jurava por tudo quanto havia sagrado que a sua felicidade só dependia de um «sim» d'aquella que soubera vencer a firme resolução em que sempre estivera de morrer solteiro. A pintura da vida domestica era quasi bucolica n'aquelle longo arrasoado de mentiras, e a descripção das tribulações mundanas feita com uma velhacaria jesuitica capaz de seduzir o proprio Santo Igna-

cio, se elle não fechasse os ouvidos ás suggestões hypocritas de João Grainha.

D. Maria da Annunciada cahiu das nuvens ao ler a encyclica do bacharel, e não se fartava de comparar-lhe o estylo nervoso com as deluidas pieguices que lhe escrevera o boticario, e as brutalidades mayorcias que lhe dirigira um alferes de infantaria, que durante seis mezes lhe rondára a porta com uma pontualidade digno de um posto d'acesso. Para encurtar razões, e seguirmos desafrontados esta historia, passarei por alto todos os incidentes que occorreram até que D. Maria da Annunciada se resolveu a acceitar o appellido de Grainha, acontecimento que teve logar n'uma quinta feira, dez de março de 1835, dia de S. Melitão, e dos seus trinta e nove companheiros de martyrio.

L. A. PALMEIRIM.

(Continúa)

O SINEIRO INVISIVEL¹

Lenda

IV

Pelos ventos impellido ;
Ou lançado pelo raio ;
Ou no vasto escuro manto
Da tormenta conduzido :
Ou, por terrivel encanto
De um genio mau, em desmaio
Suspensa a vida, arrastado :
Ou, a castigo fatal
Por Deus sendo condemnado
Por crimes que commettera
Nas guerras, o das vinganças
Anjo inimigo do mal
O levasse, Henrique achou-se,
Quando todas as esp'ranças
Perdêra de se vêr salvo,
No cimo do monte calvo
Ingreme, aspero, escabroso.
Ergue a aldêa tristemente
Seu campanario singelo
Para os âres, que fulgente
Cortava em vivo listello
O raio subitamente.

¹ Continuado do n.º 4.

Era a aldéa como morta,
Imobil, muda, deserta:
Parecia em cada porta,
De pé co'a fronte involvida
Na mortalha, um negro espectro
Estar com mão resequida
Escrevendo, triste, irado:
«Aqui, a morte ha passado!
«Aqui, acabou a vida!»

O soldado treme, hesita.
Dyvida serem aquelles
Os encantados logares
Aonde da infancia a dita
Gosára em breves folgares.
Duvida... mas vê ali
Á luz veloz do relampago
Aquella casa singela
Que brinca, floresce, ri
Entre as outras, que é mais bella
Do que quantas ha na aldéa,
Onde vive a formusura,
— Se inda vivo! — que a ventura
Outr'ora dar-lhe sabia.
O amor de novo se atêa,
Quasi renasce a alegria;
Espera, deseja, esfria,
Quer, não quer á bella estancia
Chegar-se. Venceu o susto.
Tremulo affasta-se, ai triste!
Affasta-se em pranto, a custo.
N'alma pungindo-lhe existe
Cruel saudade da infancia.

Se a amante buscar não ousa,
Quer ao menos o soldado
Ter um final desengano,
Conhecer o incerto fado.
Estará já sob a lousa
Da velha avó o cadaver?
E da morte o escuro arcano
Terá já finalizado
Essa longa vida aspada
Pela dôr? — Corre ancioso
Á cabana, onde nascêra,
Henrique; triste, arruinada
Cabana, pobre moimento

De seu passado ditoso.
 Bate na porta tres vezes
 Com mão trémula: um momento
 Julgou ouvir lugubres ais
 Responderem-lhe: era o vento,
 Era o vento e nada mais.
 Outra vez bate. Murmura
 De dentro fraca voz: — «Donde
 «Vem o estrangeiro na extrema
 Hora má da natureza?»
 — «Quando «o soldado responde»
 «O céo com tanta fereza
 «Parece querer o mundo
 «Destruir, um estrangeiro
 «Pede afouto gasalhado.»
 — «E não lhe será negado
 «N'esta cabana, onde habita
 «O luto.» — Pia agoureiro
 Noitibó, em quanto lenta
 A triste, pobre cabana
 Abre a velha ao viageiro.

Pobre da velha, coitada
 Cegou, cegaram-n'a os prantos,
 A sua alma atribulada
 Esqueceu os longos cantos
 Com que a infancia acalentára
 De seu neto: esqueceu tudo
 Quanto a vida lhe encantára
 Outr'ora. De Henrique a falla
 Ouve, e tem o esp'rito mudo:
 Gellado o coração cala.

Sentou-se ao pé da lareira
 O soldado: baga a baga
 Corre-lhe o pranto na face.
 Com mão incerta a fogueira
 Busca atear, depois olha
 Em torno de si, e affaga
 Com a vista a humilde casa.
 A Deus pede que lhe apraza
 Refazer a antiga vida,
 Onde innocente elle colha
 A bella, fragrante flôr,
 Pelos anjos produzida,
 Que os homens chamam amor.

— «Podeis, senhora dizer»
 Henrique tremendo hesita
 Ao perguntar «se inda existe
 «A formosa Margarita?»
 — «Não vos posso responder,
 «Que ha tempos da aldêa ausente
 «Anda já.» — «Ausente a pura
 «Margarita?» — «Sim. A ingrata
 «Que pagou amor, ternura
 «Com traição — ai, desditoso
 «Henrique! quando voltares
 «Da guerra, se a não achares
 «Que dor sentirás! — penoso
 «É dizel-o, essa que o mundo
 «Cria candida, innocente
 «Como as virgens, que no céo
 «Deus escuta eternamente,
 «Fugiu...» — «Só?» — «Não» — «Que homem louco
 «Ousou roubal-a? que infame
 «Um crime tal commetteu?
 E, dizendo, um grito rouco
 Henrique solta do peito.
 Lugubre a velha prosegue
 — «É n'esta aldêa sabido
 «Que ha um terrivel sineiro;
 «Dizem uns de feio aspecto,
 «Uns ser negro, outros vermelho,
 «Os velhos de mais conselho
 «Dizem não ser conhecido
 «O sineiro mysterioso.
 «Esse espirito agoureiro,
 «Quando um caso doloroso
 «De deshonra, morte, ruina,
 «Tem n'aldêa succedido,
 «De noite, sempre invisivel,
 «Á torre do presbiterio
 «Sóbe; os sinos — caso incrivel! —
 «Tange tão suavemente,
 «Tal harmonia divina
 «D'elles tira, tal mysterio
 «De saudade os sons espalham
 «Pelos ares, que se enluta
 «A alma de quem os escuta:
 «Sobem em tumulto á mente
 «Os pensamentos em lucta
 «Como vago effluvio ethereo.
 «Terror, vertigens, espanto,

«Saudades, sustos e pranto
 «Causa, por estranho encanto,
 «Dos sinos a voz plangente.»
 — «Do fantastico sineiro
 «Porque assim fallais agora?»
 — «Uma noite a aldéa em susto
 «Accordou. Tropel medonho
 «Nas ruas se ouviu primeiro;
 «Depois gemidos, clamores,
 «Prantos, gritos. N'aquella hora,
 «Um vertiginoso sonho
 «O monte, gigante adusto,
 «Agitou. Frios terrores
 «Encheram, vibrando, as trevas;
 «Sangue, chammass espalharam
 «Pela aldéa as furias sevas
 «De soldados sem piedade.
 «Emfim os brados passaram,
 «Ficou tudo em soledade.
 «Tres vezes então na torre
 «Tocam funebres os sinos.
 «Gemebunda, em sons mofinos
 «Das bronzeas fauces lhe corre
 «Uma agoureira elegia...»
 «O soldado então exclama:
 — «E quando raiou o dia?»
 — «Então» a velha replica»
 «A devoradora chamma
 «Cem cabanas consumido
 «Havia; e d'entre as donzellas
 «Pallidas, frias de mêdo,
 «Tinha desapparecido
 «A mais bella entre as mais bellas,
 «Margarita...» Mudo, quedo
 Ficou Henrique, um instante
 No seu coração de amante
 A vida se suspendeu.
 — «Estrangeiro, longes terras
 «Tendes corrido: nas guerras
 «Talvez visseis um soldado,
 «Que n'esta aldéa nasceu:
 «Por nome Henrique.» — «Coitado!»
 Responde Henrique «morreu.»

(Continúa)

J. DE ANDRADE CORVO.



Dec 1859
Lisborne



A GRAVURA DE S. M. EL-REI O SENHOR D. FERNANDO.

As artes e as sciencias dominam hoje o mundo. É d'ellas que vive é por ellas que se exalta. São duas realezas: lavram na pedra os seus brazões, firmam nos inventos o seu poder, registram nos livros a sua valia, ostentam na electricidade o seu esplendor, e enfloram diariamente na arvore genealogica das nações mais alguns ramos para a sua elevação. Á sua sombra engrandece o universo e caminham os homens. Mais um tronco que rebenta a cada nova investigação; mais algumas folhas que desabrocham a cada triumpho. Do céu lhe orvalha a seiva que lhe dá vida; seiva que circula nos espiritos para florescer no mundo.

Todas as realezas da terra, que aspiram e pretendem conquistar o suffragio dos povos e os louvores futuros da historia acatam a outra, porque reconhecem n'ella o unico e verdadeiro direito divino. Diante da realeza da intelligencia toda a humanidade se prostra. O rei e o operario, o soldado e o poeta, o sacerdote e o artista, todos elles podem disputar o logar ao pé d'aquelle throno, e o ultimo na jerarchia póde vencer o primeiro na grandeza. O privilegio de que deriva aquella eminencia dá-o Deus.

Napoleão escrevendo com a espada algumas paginas gloriosas não foi maior do que Luiz XIV auxiliando e protegendo os escriptores que illustraram a sua época. Para a gloria os marechaes das letras valeram bem os marechaes das armas. As espadaes d'estes volvendo ás bainhas perderam o brilho com que deslumbraram instantes a terra; os escriptos d'aquelles que ficaram nos livros alumiam ainda hoje.

Em Portugal ha um homem que cinge uma corôa e pensa assim. Pensa!... Faz mais, prova-o. Inclinem-nos pois diante d'esta gloria que nos dá. É tão nossa como d'elle. Honra o monarcha e o paiz.

Ahi tem o exemplo do que avançamos. Ahi está a obra que confirma as nossas palavras. Appellidaram-n'o rei-artista e elle aceitou o titulo entrelaçando o nome de artista com o regio cognome. Sumiu as prerogativas reaes para se alistar na republica das artes.

E é o artista que vamos apreciar.

No ultimo numero da *Revista Contemporanea* era só um desenho que tinhamos a registrar; d'esta vez é tudo — o artista foi mais longe: — desenhou e gravou. E vê-se bem, admirando a estampa que hoje adorna e realça o nosso jornal, que a mão que traçou a gravura está affeita a estes trabalhos e que os executa com rara facilidade e segurança. Ha viveza n'aquellas linhas, suavidade nos contornos, espontaneidade no esboço. Ha ainda mais; — ha verdadeira individualidade nas suas gravuras. São características e tem um cunho original.

A que temos agora a honra de apresentar aos nossos assignantes pertence a uma collecção de vinte desenhos, a maioria d'elles gravados, que formam um album dos costumes de diferentes épocas. Dois estudos cifrou o real artista n'esta tentativa e tão consciencioso foi n'um como esmerado no outro.

ERNESTO BIESTER.

A SOCIEDADE E OS BAILES

Se não se tivessem inventado os bailes, os casamentos seriam menos frequentes. A proclamação d'esta verdade, que ninguem de boa fé pôde contestar, deve tornar menos odioso para os paes de familia as reuniões aonde se dança a polka, e se bebem algumas chavenas de chá-verde, com acompanhamento de musica instrumental.

Os bailes são além d'isso um meio aprazivel de approximar os dois sexos, e de resolver muitos problemas de sentimento. Acaso uma mulher, com o rosto envolvido do classico lenço branco, embrulhada n'um chaile que lhe occulta as formas delicadas, e dissimulando a voz n'um esganiçado falsete, pôde merecer a sympathia de qualquer terno amador quando já se não usa namorar de escarrinho?

Os barbaros do Oriente possuem *basares* aonde como verdadeiros brutos, que são, e hão de continuar a ser, escolhem mulheres para o harem como n'um mercado publico se procuram bois para a lavoura. A civilisação que vive pelo espirito e que soube emancipar a mulher encontrou expedientes de outro genero, para contribuir legalmente para a multiplicação da especie, e para o cruzamento das raças.

Henrique iv que era grande apaixonado do bello sexo perguntando a Gabriella d'Estreés por onde se entrava para o seu quarto, teve por resposta — «pela porta da igreja.» — Pois na sociedade moderna pôde

dizer-se que a entrada para o matrimonio é muitas vezes a porta de um salão aonde se dança.

Esta regra todavia, não é infallivel, e as excepções são numerosas. Encontra-se ás vezes um marido n'uma excursão ao campo: na missa das almas, no visitar das igrejas, durante a semana santa, no theatro, e para os que pertencem a essas classes de excelsa genealogia, ha os contractos feudaes e diplomaticos, pelos quaes duas creaturas infesadas e escrofulosas vão produzir uma progenie phtisica ou idiota com applauso das suas illustrissimas familias.

O casamento pôde ás vezes ser um acto de desespero: um remedio violento para escapar á molestia dos *diabos asues*, que Mr. Alfred de Vigney descobriu no seu *Stello*: o meio de satisfazer credores importunos escolhendo o mais insupportavel de todos, que é aquelle com quem temos de viver toda a vida: e depois quantos homens ha que não se sentem attrahidos pelas doçuras mysteriosas da *lua de mel*, e teem curiosidade de se verem ao espelho com o pittoresco *bonnet de nuit* da canção de Béranger?

Ora um baile não é só uma agradável distracção, um exercicio hygienico, um meio de consumo, um pretexto para desenvolver os musculos, uma especie de culto aos instrumentos de sopro e de corda, é principalmente a estrada que nos approxima da porta da igreja, e das aras sacrosantas do hymineo (velho estyllo!)

Á luz d'esta idéa, a contradança é um exercicio parlamentar, a polka uma perigosa seducção, e a walsa um preludio fascinador das delicias que o amor nos promette!

É por isso talvez que alguns escriptores maliciosos affirmam que o pudor foge dos bailes, e d'essas reuniões eiradas, aonde a sociedade toma chá, murmura do proximo e joga o *whist*, que segundo Talleyrand, é a mais agradável distracção para os velhos.

Ha homens que sem se assimilarem aos Othellos nem na côr, nem na ferocidade se sentem trespassados de furioso ciume. A esses aconselho que não penetrem nas salas de um baile. A innocencia recua espavorida, aos esplendidos clarões dos lustres e bicos de gaz. Qual é a virgem reservada e timida que não tenha apertado n'uma walsa a mão de seu par? Que não mostre a avidos olhos as torneadas linhas de uma perna tentadora, subindo para a sua carroagem? Que não offereça distrahida uma rosa meia desfolhada do seu ramalhete? Que não chegue a receber o beijo de um primo, chegando de uma viagem, beijo traidor que devia ser dado sobre a face, e que acertou por engano mui perto dos labios?

E as espaduas nuas que tremulam palpitam aos giros de uma walsa vertiginosa! e os seios que as rendas mal encobrem n'um *degote* aventureoso! E os braços que accendem os desejos, e que cingem o par,

quando os sons da musica nos embriagam, o ar recende de gratos aromas, e a respiração se torna apressada, pelas fadigas de tão suave movimento!

Um baile começa a estar animado (é a phrase do costume) das tres horas em diante. As mulheres casadas desejam retirar-se, as solteiras triumpham.

Digno de admiração é então esse sexo gentil, que tantos poetas, nos seus mentirosos versos, denominaram sexo fragil. Grande illusão na verdade! Que homem, poderia mover-se horas a fio sem se despentear? Que sylpho ou duende dançaria walsas interminaveis, sem cair esfalfado e desfallecido? Que folego de gigante sustentaria um *cotillon*, que continua, continua cada vez mais phrenetico, até que os clarões do dia que desponta venham annunciar que o baile expirou?

As peripecias de um baile pouco variam. As salas abrem-se ordinariamente ás nove horas. Reina então uma frieza geral. Propagam-se por contagio os abrimentos de bocca: veem-se algumas creaturas esca-beceando a um canto: certos curiosos pucham pelo relógio, arrependendo-se de ter chegado tão cedo. Os que esperam uma certa e determinada pessoa, olham para a porta, suspiram, ouvem com impaciencia o rodar das carroagens, e quando toca a campainha, sentem movimentos precipitados no coração.

Até á meia noite dança-se pouco, e de má vontade: as senhoras examinam minuciosamente o *toilette* das suas rivaes, para se espriarem na critica do dia seguinte: e o capitalista, descalça a luva para mostrar os anneis que deslumbram pelo brilho dos diamantes e pedras preciosas.

Depois da meia noite o baile anima-se. Os noivos estabelecem-se n'um logar reservado, e congregam o velho amar em todos os modos e tempos. Os maridos começam a estar impacientes. As duras horas e a retirada das familias que receiam dores de enxaqueca por se deitarem tarde. Ouve-se o sussurrar do beijo de despedida: sibilam os adeus esganiçados e penetrantes: os dedos estalam no mavioso e apertado *Shake-hands*.

Caso notavel; são as velhas que com maior denodo affrontam as inclemencias de um baile. É a providencia que favorcce as boas causas! Sem a paciente coragem das veneraveis matronas, como poderiam apparecer as moças?

E as mulheres casadas, cuja idade ainda não ultrapassou as terri-veis fronteiras dos trinta annos? O maior numero diga-se em louvor do seculo, vão unicamente para se divertir. Uma minoria bem numerosa para *coquitear*, e atormentarem o proximo com longos commenta-

rios sobre metaphysica de sentimento. Algumas finalmente impellidas por essa fatal curiosidade que perdeu nossa mãe Eva: digo isto, porque houve já um erudito curioso que assim explicou a allegoria da serpente e do pomo prohibido: a serpente era apenas um janota da côrte infernal. Eva uma grande enfastiada do matrimonio, e Adão o primeiro marido infeliz.

Esta classificação, apesar de pouco complicada só se refere ao pequeno reino das que possuem algum espirito, das que podem fallar n'um baile. Reino cujos limites, como os do principado do Monaco, a vista mais curta facilmente abrange.

Ha um sem numero de senhoras que vão á sociedade, que reduzem toda a sua prosa a um phtisico monosyllabo: afinado em todos os tons: «Sim! Acha! É verdade! foste! nunca despendem um periodo completo, e resistem com um certo talento, a toda a tentativa de comunicação parlamentar.

—Minha senhora, serei indiscreto se perguntar a V. Ex.^a porque se tem conservado tão triste durante o baile?—Eu!—É o que leio na sua interessante phisionomia!—Acha?—Algum pensamento lhe preoccupa o espirito!—Ora essa!—A tristeza nunca se apodera de nós sem graves motivos.—Eu sei!

Felizes os maridos que tendo casado com creaturas, que quasi se approximam na intelligencia a uma couve-flor, alcançam a sublime prerogativa de só serem correspondidos por mimica.

Nos bailes antes do marido ha o homem amavel: é o verdadeiro leão das salas: as mulheres adoram-no: olham-no com um olhar mavioso quando elle guarda os ramalhetes explica a posição dos pares, concerta o leque, e sabe escolher um *optimo-vis-à-vis*: e ainda é a sua voz que chama as carroagens, é o seu braço que serve de cabide aos chailles e ás camalhas. Condescendente, enfatuado, insignificante, mas *serviçal*, é um insupportavel massador para os homens de espirito, mas um heroe para a sociedade elegante.

E o que é a sociedade? Em Pariz, em Lisboa, em Londres, em Madrid, é exactamente a mesma coisa. São reuniões aonde figuram e dançam duzentas ou trezentas pessoas, para dizerem semsaborias que não interessam a quem as ouve nem mesmo a quem as diz, pela simples razão de que as pessoas que a frequentam, que vão á sociedade, não se conhecem umas ás outras. Em dez bailes, em quatro ou cinco visitas, graves e ceremoniosas é impossivel que as pessoas se comuniquem de modo que possam contrahir relações.

Nunca pude comprehender como é que um marido se atreve a ir a um baile, quando não tem filhas para casar.

Um marido não dança, e se dança, é-lhe expressamente prohibido de dançar com sua mulher. Sombrio e cabisbaixo consola-se olhando

para o relógio, ou apostando *à maior de espadas* n'uma mesa de *whist*. Mas não ha infortunio que não tenha a sua compensação.

Uma mulher por mais honesta não deixa de ouvir pelo menos uma meia declaração durante o baile. É claro que com ella só pôde ganhar o marido. Renascem, na intimidade, os saudosos dias da lua de mel. Desponta a aurora: gorgem os passaros: a natureza rejuvenesce aos effluvios de um amor exuberante: os deuses sorriem no Olympo!

LOPES DE MENDONÇA.



UM MEZ EM CINTRA

Fragmentos d'um livro

III

O meu conhecimento com a Viscondessa, foi occasionado por um desastre que lhe aconteceu indo para Cintra. Encontrei-a na Charneca sentada em uma pedra, esperando fleugmaticamente que os seus criados arranjassem o caleche, que não sei porque *desintelligencia* entre o cocheiro e os cavallo, se tinha quebrado pouco adiante de Rio de Mouro. A Viscondessa tinha então um album em cima dos joelhos, e aproveitava o tempo em desenhar a vista da serra de Cintra; contudo, a paciencia necessaria para isso depressa se lhe gastou e quando eu passava a cavallo, fechou ella o album com enfado, e atirando-o para dentro do caleche, começou a passear na estrada a passos agitados. Confesso que se não tivesse reparado logo para os seus olhos negros e bem fendidos, e para as suas fartas e negras madeixas de cabello, eu juraria *in petto* que era uma d'essas muitas *ladys* inglezas, que peregrinam pelo mundo inteiro, com o classico e indispensavel album e por causa de quem eu me não teria incommodado, ainda mesmo que visse que ella teria que estar ali todo o dia, soffrendo um sol quasi equinocial e um ataque de *spleen* incuravel. Como não era assim, apeei-me do cavallo, atei as redeas a umas pedras, e fui com o modo mais sério, e o sorriso mais amavel que poude arranjar, offerecer-lhe os meus serviços e pedir desculpa se por acaso commettia n'isto uma ousadia. A Viscondessa agradeceu-me com toda a amabilidade e acci-

tou o meu prestimo, se por acaso me não fizesse transtorno o demorar a minha chegada a Cintra. Como bem pódes imaginar, amigo leitor, comecei logo a querer mostrar a minha dedicação, procurando ajudar os creados no concerto do caleche; comtudo em pouco tempo vi, que era quasi impossivel tiral-o d'ali sem algum arranjo mais completo.

Dei parte á Viscondessa, e amaldiçoei o momento em que me tinha lembrado de ir a cavallo, e de não fazer a jornada em algum vehiculo que eu poderia então pôr á sua disposição. N'esse momento já me tinham impressionado, a gentileza e os attractivos da Viscondessa. Não sei porquê, e contra o meu costume, estava n'aquelle dia como os heróes dos romances de Scudéry, apaixonando-me á primeira vista. Propuz-lhe fazer o resto do caminho em burros, o que acceitou; mas segundo creio, era aquelle um dia fatal para a Viscondessa: não poudo achar nenhuns que nos quizessem alugar. Estavamos n'uma posição assaz critica, e confesso francamente que já não sabia de que modo arranjar alguma conducção, quando a Viscondessa indo buscar o seu chapéo de sol, que estava no caleche, me perguntou:

— «Está costumado a andar a pé?

— «Muito, minha senhora, e no campo, é como gosto mais de passear.

— «Está resolvido a dar um passeio acompanhando-me até Cintra?

— «De certo e até agradeço á minha boa estrella o proporcionar-me occasião de ter o prazer de acompanhar a V. Ex.^a

— «Não exagere a amabilidade que se arrisca a não o acreditar, e n'esse caso não lhe acceito a companhia, obrigando-o a continuar o caminho no seu cavallo.

Como deveis suppor calei-me logo, porque temia que assim me acontecesse; a Viscondessa deu as suas ordens aos creados, e eu mandei um rapaz a Cintra no cavallo, o mais depressa que fosse possivel, a alugar uns burros que nos deviam vir buscar ao caminho. Depois d'isto feito, offereci o braço á Viscondessa que apoiando-se n'elle, começou a caminhar com aquella *nonchalense*, com aquelle andar pausado, languido e indolente, se assim se póde chamar, que lhe é conhecido. Estremecia cada vez que sentia a pressão do seu braço delicadamente *potelé*, ou quando encontrava os seus olhos, que por acaso e descuidosamente se volviam para mim. Em meia hora tinha-me apaixonado loucamente, tinha seguido o dito de Cezar — *cheguei — vi, e ambicionava acabal-o — completal-o á risca, com o — venci.*

A mulher é um mysterio, tem dito toda a gente, o que não impede que seja uma grande verdade, a mulher é um mysterio, repetia eu comigo mesmo, quando me lembrava que a Viscondessa se tinha assim entregue a mim, conhecendo-me só de me vêr nos bailes e nos theatros. É verdade que eu não sou nenhum Lugarto, todavia... todavia a

Viscondessa tinha rasão. Havia meia hora que n'estas cogitações se passava o tempo, caminhando e sem dar uma palavra á Viscondessa que tambem ia distraída, e que talvez por cerimonia ou amabilidade rompeu o silencio.

— «Com effeito, creio que vem muito aborrecido, ainda me não dirigi a palavra depois que começamos a andar.

— «Peço desculpa, minha senhora, não é por aborrecimento que me tenho conservado calado, mas sim por não a querer distrair, quando talvez se ia deleitando com a vista das bellezas do campo, com esse panorama que se desenrola diante de nós, com o gorgueio dos rouxinoes ou com o aroma das florinhas; era eu que imaginando talvez que se tivesse mesmo esquecido de que ia acompanhada, não queria fazel-a tornar á realidade, que não tem n'este momento muitos attractivos para V. Ex.ª, por isso que tem por programma quasi infallivel, uma legua de caminho a pé. Além d'isso, tenho vindo penalizado, por não poder offerecer-lhe algum meio de conducção, que lhe minorasse o incommodo que vae ter.

— «Se era essa a rasão que me priva de o ouvir, cessou agora, pois vejo uma nuvem de poeira, que segundo creio nos annuncia a approximação dos burros que teve a bondade de mandar buscar, e que nos devem conduzir ao Victor.

A Viscondessa tinha rasão: d'ahi a poucos minutos sentava-a eu n'um burro, e montando eu em outro, partimos para Cintra, tal e qual como dois honrados burguezes que fossem aproveitar o domingo, comendo os *rabiolli* do Escoveiro, no Campo Grande, ou o *pato com arroz* do Ezequiel no Dá fundo.

ANTONIO DE BREDERODE.

(Continúa)

CHRONICA

Ristori, a grande tragica, está entre nós. Saudemol-a com um bravo intimo. É o mais a que podemos aspirar. Nunca a nossa penna de chronista nos pareceu tão mal aparada. Nunca sentimos tanto para dizer,—e nunca tivemos maior difficuldade em expressal-o. Agita-nos a expressão e debalde tentamos transformal-a em palavras. A poesia transmittida na contemplação esváe-se ao formular a idéa. É que o coração faz-se poeta ouvindo-a e illude-nos. Resignemo-nos pois, a este cruel desengano e narremos singela e toscamente o nosso juiso.

Juiso!..... alto lá: digamos antes a nossa apreciação, e já não é pouco.

Juiso, póde fazel-o um poeta que a descreveu, e outro, que sabemos, a vae cantar. Uma pagina brilhante que inspirou e um bello hymno que ha de accordar.

E mesmo uma apreciação, despretenciosa e franca, como havemos de fazel-a quando medimos o vulto que temos diante dos olhos, e quando observamos o dominio que exerce sobre mais vigorosas e reconhecidas intelligencias? Basta-nos citar um exemplo. Ha muitos; mas este val por quasi todos.

No nosso paiz, pobre de muita coisa, mas ainda assim, rico de talentos, o que não duvidamos aventurar, escudados com a opinião do visconde de Almeida Garrett, que escreveu no prologo de um dos seus melhores livros:— «n'esta terra ha mais talento e menos cultivação que em paiz nenhum da «Europa;»—no nosso paiz, repetimos, existe um homem, considerado e estimado como um dos seus mais vastos engenhos, que nunca ninguem viu exaltado senão na tribuna, quando uma crença se lhe arreiga no espirito e que recebe d'elle a inspiração, defendendo-a com todo o calor e energia de sua alma elevada, pois este homem diante de Ristori estremeceu e enthusiasmou-se. Pela primeira vez na sua vida, dizia elle, que tinha sentido arrebatarse. Vimol-o dar palmas e soltar bravos estrepitosos como o mais abalisado *claqueur* do nosso theatro lyrico. Era um mundo novo que se lhe abria diante dos olhos,—a da verdadeira arte. Tinha-a entrevisto, tinha-a adivinhada nos vãos brilhantes da sua phantasia, e extasiava-se fitando-a ali no seu completo esplendor. O primeiro orador portuguez encontrava resumido na grande tragica, o seu mais bello ideal. Era o imperio da palavra legitimado sobre um dos seus melhores representantes.

«Agora comprehendo exclamava elle na primeira noite que ouviu a Ristori, porque eu assisti até hoje, impassivel e quasi indifferente a tantas «ovações artisticas, é porque já presentia que havia de presenciar esta ul-

«tíma e sublime revellação da arte.» Era o presentimento do genio. O que sonhára realisou-se.

E aquelle espirito inquieto, como quasi todos os espiritos superiores, que nunca subordinou verdadeiramente a attenção a coisa alguma, nas recitas da eminente tragica torna-se outro, escutando-a tranquillo e silencioso, enlevado e commovido.

E a apreciação da Ristori que nos prometteu, dirá talvez o leitor, não principia ainda?

Já principiou. É tudo isto. N'aquella forte impressão manifesta-se brillantemente o poder do seu genio, portanto descrevendo-a, tributámos a nosso vêr a melhor homenagem á artista.

Feita esta declaração preventiva, admiremos agora isoladamente a tragica e façamos um esboço da nossa admiração.

Adelaide Ristori nasceu para ser elevada ao pedestal a que subiu e a natureza preparou desde logo a estatua. Mais tarde a centelha do genio animou-a e a musa da tragedia surgiu. Era uma mulher tornou-se um typo; era uma visão e fez-se realidade. Hoje *Medea*, amanhã *Judith*; agora *Camma* logo *Fedra*; n'um dia *Maria Stuart*, no outro *Myrrha*. E todas estas grandes figuras da mythologia e da historia fallam pela sua bocca, vivem na sua época e reproduzem as suas paixões.

Em cada personagem não ha um movimento que não seja verdadeiro, não ha uma attitudo que não seja exacta, não ha um gesto que não seja adequado.

Na estatuaria e na pintura estudou os modélos, e conseguiu igualal-os, senão excedel-os porque as cópias respiram as duas vidas; a que imprime o talento e a que empresta o Creador.

Na phisionomia de Ristori ha, — permitta-se-nos a expressão — uma multiplicidade de phisionomias. Toma o que quer, retrata a que imagina. A paixão com que se identifica é que transluz nas suas feições. A transição é rapida, e a mudança completa. O amor e o odio, a ironia e o ciume, o desprezo e a alegria, o enthusiasmo e a loucura, tudo exprime e tudo com igual verdade.

A voz presta-se-lhe igualmente com prodigiosa facilidade a todas as cambiantes exigidas na declamação. Tem o condão supremo de avassallar o publico com uma palavra, porque no modo de a proferir lhe vae accordar um sentimento de indignação ou de sympathia. É bella nos lances patheticos, é sublime nas apostrophes violentas. Illumina-se-lhe o rosto, flamejam-lhe os olhos, domina com o gesto e prostra com a palavra. É admiravel e esplendida n'estes momentos!

O pouco espaço que nos ficou d'esta vez para a chronica priva-nos de podermos analysar nenhuma das tragedias que a eminente tragica tem desempenhado até hoje; mas no proximo numero contamos resgatar esta falta.

Faremos portanto ponto por hoje n'este assumpto, limitando-nos a accrescentar que damos os parabens a nós mesmos e a todos os que prezam as letras e prestam culto á arte, pela revellação que devem á visita da Ristori; e ao paiz por haver recebido tão illustre hospeda.

No mundo litterario ha só a mencionar a apparição da *Galeria Artistica*, que já publicou dois numeros, sendo o primeiro a biographia da nossa excellente actriz Delfina; e o segundo a do actor Isidoro espirituosamente escripta, pelo actual folhetinista da *Revolução de Setembro*, o sr. Julio Cesar Machado. Foi uma boa aquisição para o jornal.

No theatro normal nada tem subido á scena que mereça a attenção da critica. No Gymnasio representaram-se *Os Filhos dos Trabalhos*, do sr. Cesar de Lacerda. Tiveram lisongeiro acolhimento.

Em S. Carlos a Lotti e o Fraschini enthusiasmaram os dilletantes. A voz da primeira é um prodigio, e o canto do segundo é magistral.

Para a chronica seguinte aventuraremos o nosso juizo.

D'esta vez somos obrigados a rematar aqui; mas dizendo desde já, bravo Lotti e bravo Fraschini.

ERNESTO BIESTER.